

**VIEIRA, Afonso Lopes (2002) *O Romance de Amadis*, posfácio de Carolina Michaelis de Vasconcelos, estudo e tábua cronológica biobibliográfica de Afonso Lopes Vieira [1878 – 1946], por Cristina Nobre, Porto ed. Porto, respectivamente pp. 163-224 e 225-235.**

**Cristina Nobre,**

*ESTUDO para ed. da Porto ed. de RA*

**SOB O SIGNO DE *Amadis*: restituição ao cânone da portugalidade**

### **I. Antes de *Amadis*.**

Quando, por volta de 1920, Afonso Lopes Vieira [ALV] decide reescrever o controverso, polémico e volumoso *Amadis de Portugal*, tinha já atrás de si uma obra reconhecida e estimada pelo público da sua época, tanto na poesia quanto no inovador e florescente campo da literatura infantil.

Nascido em 1878, em Leiria, cedo se revelara nos jornais da época com composições poéticas que evoluíram, no seu tempo de estudante de Direito em Coimbra, para as suas primeiras obras poéticas, perfeitamente integradas no espírito finissecular que as viu amadurecer — o livro inaugural, *Para Quê?* (1897), a que se seguiram *Náufrago. Versos Lusitanos* (1898), *O Meu Adeus* (1899) e *O Poeta Saudade* (1900). Este primeiro ciclo seria encerrado com uma antologia preparada pelo próprio ALV, intitulada *Poesias Escolhidas (1898-1902)* e publicada em 1904.

Segue-se um outro ciclo de criação poética, iniciado com *Conto de Natal* e *O Encoberto* (1905), e fluentemente glosado em *Ar Livre* (1906) e *O Pão e as Rosas* (1908), em que as interrogações finisseculares evoluem para uma aproximação do apostolado revolucionário de intervenção, metaforicamente encarnado na figura de Teófilo Braga, a quem ALV muito venera nesta fase. No entanto, certas oscilações franciscanistas eram já visíveis nesta complexa veia neo-romântica, como por exemplo em *Canções do Vento e do Sol* e no acto em verso *Rosas Bravas* (1911). Tais oscilações acabam por se cristalizar, afinal, nas vertentes saudosista e lusitanista, em obras fundamentais para o entendimento da poética de ALV, como *Ilhas de Bruma* (1917), *Canções de Saudade e Amor (lieder)* (1918), *Crisfal* (1920) ou *País Lilás, Desterro Azul* (1922).

Depois disto, aliás, a sua produção poética sofrerá um hiato de praticamente 20 anos, que a antologia de 1927, *Os Versos de Afonso Lopes Vieira*, procura recuperar, e que só será fechado em 1940 com *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Este último livro de poesia guarda, de uma forma criticamente amadurecida, a saudade por todos os *topoi* portugueses que harmoniosamente preencheram a sua poética.

Na literatura infantil, que o escritor inaugurara em 1911 com o marcante — e muito elogiado, durante largos anos, por críticos literários dos mais diversos quadrantes — *Animais nossos amigos*, seguido de um *Hino a Camões para as crianças portuguesas*, de Bartolomeu Marinheiro e de *Canto Infantil* (1912), há uma nítida reorientação para a prosa juvenil, a partir de 1938, ano de publicação de *O conto de Amadiz de Portugal para os rapazes portugueses*.

Pelo meio ficava uma empenhada e nunca estéril acção cultural, como a qualificou David Mourão-Ferreira (Mourão-Ferreira, 1978), na qual se pode destacar a fervorosa "Campanha Vicentina" (de que resultaria a recolha de 1914, intitulada precisamente *Campanha Vicentina*), em que Lopes Vieira se empenhara desde 1910, através da sua versão portuguesa do *Monólogo do Vaqueiro* de Gil Vicente, e que não mais deixaria de perseguir pelo resto da sua vida, passando pelas comemorações do IV centenário da morte de Gil Vicente, em 1937, onde viu repostas as suas versões das peças vicentinas nas *Jornadas* de Maio e Junho, que decorreram nas cidades de Lisboa, Guimarães, Porto, Coimbra e Évora.

## II. Na era de *Amadis*.

A outras campanhas de restituição dedicou Afonso Lopes Vieira o melhor do seu tempo e da sua sensibilidade de amante da língua e da literatura portuguesas. Esta fase produtiva da sua obra foi classificada por Aquilino Ribeiro nestas significativas palavras:

"[...] Foi um período de sagrado labor para Afonso Lopes Vieira esse que vai de 1922 a 1927. A falange da Biblioteca Nacional, a que ele virtualmente pertencia, havendo sido um dos promotores dos *Homens Livres* [...] havia perdido a coesão. Cada um rufava o tambor para seu lado. Lopes Vieira, além da tentativa da *Lusitânia*, de que foi a alma vigilante e a que deu o *Cid*, e de ter vertido a português a *Diana*, tomara parte na batalha dos Painéis com a conferência que veio a lume com o título *Da reintegração dos primitivos portugueses*. A *Diana* fora o *pendant* do *Amadis*. Pois que este iniciara na Hispânia o ciclo das novelas de cavalaria e aquela o das novelas pastoris, perfaziam ambos o par maravilhoso. [...]" (Ribeiro, [1949]: 293-4).

Durante esta fase, que nos interessa focar em particular, o predomínio da atenção que consagra à prosa evidencia uma aproximação do discurso erudito e do discurso próprio da crítica literária, ainda quando Lopes Vieira persiste em não abandonar a sua indefinível *sensibilidade*, que o autoriza, afinal, a todo o trabalho de *restituição espiritual* de um cânone adormecido. Com as muito festejadas e fundamentais restituições de *O romance de Amadis* [RA], do Natal de 1922<sup>1</sup>, e *A Diana de Jorge de Montemor* [DJM], do Natal de 1924, que pretendiam figurar e preencher o cânone a-temporal da literatura portuguesa, restituídas à língua original da sua alma, Lopes Vieira inscreveu-se a si próprio como mais uma das muitas vozes que ficarão na História<sup>2</sup>. De certa forma, ao apagar-se, mediante um trabalho de antologizador e de tradutor, o autor inscrevia na História uma Literatura Portuguesa que adquiriu o seu cunho pessoal porque foi ele a seleccioná-la e a dar-lhe forma.

O modo como se refere na "Carta Autobiográfica"<sup>3</sup> ao RA demonstra bem o apreço em que o escritor tinha esta obra e o significado emblemático que lhe atribuía, como se finalmente tivesse

---

<sup>1</sup> O subtítulo do volume especificava: *Composto sobre o Amadis de Gaula de Lobeira por Affonso Lopes Vieira*. Embora a data — Natal de 1922 — esteja inscrita no *colofón* final, o livro só saiu em 1923, como se deduz da data de 31 de Dezembro de 1922 do "Prefácio" de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos. Além disso, em postal de 30 de Janeiro de 1923, ALV diz a CMV: "[...] O romance aparecerá apenas depois do Carnaval — se tragico Carnaval não é todo este tempo. [...]" [BGUC, esp. CMV]. Aliás, no Natal de 1922, o n.º 6 do vol. II da revista *Contemporanea*, nas suas pp. 101-3, dava em pré-publicação o cap. XVI, "A espada e a guirlanda", do esperado *O Romance de Amadis*, numa estratégia que tanto pode ter sido publicitária como de alguma impaciência pelo atraso sofrido na publicação do livro por causa do prefácio.

<sup>2</sup> Num apontamento manuscrito, ALV regista: "O que fica da Historia é a literatura e a Arte." [BML, ms. n.º 33398 — env. B, n.º 46].

<sup>3</sup> A "Carta Autobiográfica" tinha sido escrita por ALV em 1923, a pedido de Agostinho de Campos, para figurar no volume da *Antologia Portuguesa* dedicado à obra do escritor, publicado em 1925.

encontrado o segredo da permanência da voz da ancestralidade nessa restituição e reposição de um texto canónico da portugalidade:

"[...] E considero-me um autor aristocrático, porque trabalho para os que leram tudo e para os que não sabem ler. Sinto um amor singular ao *Romance de Amadis*. É que busquei restituir à Pátria o espírito de uma obra em que o espírito dela se encarnou, para irradiar no mundo. E daria por bem empregada tôda a minha insatisfeita e ansiosa aprendizagem, se me convencesse de que ressurgiu em nossa língua a novela de maravilha." (*apud* Campos, 1925: XV).

Ao fazer uma revisão retrospectiva da sua obra publicada até 1935, elege RA como o trabalho de consagração do seu *destino literário*:

"[...] — Dos seus livros publicados qual prefere?  
— Tenho uma estima singular pelo *Romance de Amadis*, de que vai sair a 3.<sup>a</sup> edição...  
Honra-me que o prefácio desse livro seja de D. Carolina Michaelis, de quem fui grande amigo e cuja memória venero.  
O *Amadis* é um livro à parte e o meu destino literário não falhou inteiramente, porque restitui a Portugal esta obra que êle perdera. Isso me consola. [...]" (Ogando, 1935: 11).

Também a dedicatória ao Pai, com que abre a 1.<sup>a</sup> ed. do romance — portal para uma maturidade literária de fusão plenamente assumida entre a vida e a literatura —, se deve já considerar dentro desta linha de auto-valorização:

"A meu Pai // Do pouco que fiz, / Creio que é isto o *melhor*: [it. nosso] / Eis porque o ofereço a quem,  
/ Por sua ternura, / De longe preparou / As possibilidades de eu o fazer." [RA: IX].

Efectivamente, RA tem a força suficiente para poder ser exibido como o estandarte de toda uma geração neo-romântica que acreditava fortemente no apostolado da *tradição*, e para quem a recuperação do *Amadis* podia funcionar, metaforicamente, como a consagração de uma poética (por vezes confundida com política...) de restituição e de ressurreição de um ancestral ideal pátrio perdido e de novo achado entre as brumas do tempo e da memória, rejuvenescido como o modelar cavaleiro devolvido a Portugal. João de Castro Osório escreve, em Março de 1926, um artigo intitulado "Sob o signo de *Amadiz*", em que reconhece a figura tutelar de *Amadis* como chama para toda uma geração:

"[...] Neste momento português de plena e activa criação que se inicia com Antero de Quental e espera ainda a sua mais alta culminancia, parece-me vêr, de quando em quando, alar-se para o céu uma figura divina mais, representando o esforço de uma geração inteira. § [...] § Ha uma geração inteira que se define sob a sua invocação. Sob o signo de Amadiz juntou-se um grupo de homens cuja obra e cuja acção se definem bem sob a invocação deste símbolo humano, deste signo tutelar. § A geração que nasceu sob o signo de Amadiz, e que o veio a ressurgir, tem um esforço criadôr dentro da nossa vida espiritual a que a nossa alma colectiva já não fugirá. § Nascida em meio da desgraça de ser português por muito amôr a Portugal e muita tortura do momento; nascida logo a seguir á geração do *Desejado*, a que preside fremente e dôce a figura de Antonio Nobre; a geração de *Amadiz* compensa com o heróico amôr, com a admiravel reacção do lirismo, da profundidade lírica das almas, o drama em que nascera. [...] § A obra desta geração do Amadiz é já enorme e toda ela coerentemente ligada pelo mesmo instinto de heroismo e paixão pelas coisas de Portugal. [...]" (Osório, 1926)

É, pois, numa posição destacadamente central, quer quanto à sua obra individual, quer quanto ao evidente destaque com que é acolhido RA, que importa seguir o percurso desta restituição.

### 1. A génese de uma restituição.

Há toda uma história da produção (e também da recepção) deste RA que merece ser delineada, porque permite perceber o lugar de destaque que Afonso Lopes Vieira lhe atribuiu — o culminar do sentido da missão que de há muito vinha fazendo sua.

Assim, na correspondência particular com Leonor Rosa encontram-se algumas referências ao RA e também ao prefácio de D. Carolina Michaelis com que abre o livro, à tradução francesa efectuada por Philéas Lebesgue<sup>4</sup>, às preocupações de ordem estética com os arranjos gráficos da edição, e às críticas positivas feitas na imprensa da época<sup>5</sup>. Mas é na correspondência trocada com D. Carolina Michaelis de Vasconcelos [CMV] que se podem encontrar perfeitamente delineados alguns dos processos do trabalho de reconstituição encetado por ALV.

Efectivamente, nessa correspondência, o interesse de ALV pelo *Amadis* pode datar-se de 1918, quando pede a D. Carolina bibliografia sobre os poemas da Távola Redonda, alguma coisa de mais substancial do que a *Littérature française au Moyen Âge* de Gaston Paris, que mostra conhecer. Outro espécime bibliográfico que compulsa é o ensaio de Baret, *De l'Amadis de Gaule et de son influence sur les moeurs et les littératures*.

O seu percurso de trabalho inicia-se por uma investigação cuidada do tema a tratar. Em cartão datado de 19 de Maio de 1918, CMV envia-lhe indicações bibliográficas precisas, que terá a paciência de copiar, resumindo inclusivamente o conteúdo de um dos volumes referido, por se revelar impossível encontrar o livro indicado:

"[...] O último e melhor estudo crítico sobre as origens e a evolução do Livro de Cavalarias e o seu idealismo é obra de um Inglês (ou Norte americano?) G. S. Williams, e foi publicado na *Revue Hispanique* Vol. XXI (1909), p. 1-167. § É indispensável que V. E. o conheça. [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. VI].

Em carta de 22 de Novembro de 1922, Afonso Lopes Vieira, grato, agradece esse auxílio essencial ao desenvolvimento do seu trabalho:

"[...] Recordo com enternecida lembrança e tenho diante de mim aquelas 13 grandes folhas q. V. E. me enviou ha quatro anos (Junho de 1918) com o resumo, tão cristãmente elaborado, do estudo de Williams. E, relendo a carta de hoje, agradeço a Deus q. me permitiu q. alguma coisa caminhasse desde então. [...]" [BGUC, esp. CMV].

Mesmo depois do livro terminado, continua a interessar-se por bibliografia relacionada com o assunto e mostra-se contente com a opinião expressa por Goethe numa carta a Schiller acerca do *Amadis*, o que revela o seu cuidado com a autorização e atribuição de uma validade clara ao seu trabalho, tão mais evidente quanto for expressa por figuras literárias canonicamente autorizadas pela instituição literária.

Em postal de 15 de Dezembro de 1922 transcreve para CMV essa referência:

---

<sup>4</sup> Em carta, provavelmente de Dez. de 1922, para CMV, ALV mostrava-se contente por a editora francesa ser a mesma do livro de Bédier: "[...] Uma boa notícia: a edição francesa está contratada com Piazza, na sua colecção de *Epopées et Légendes*, de que faz parte o *Tristan* de Bédier. [...]" [BGUC, esp. CMV].

<sup>5</sup> Em postal de 19 de Dezembro de 1922, para Leonor Rosa, ALV, evidenciando algum nervosismo, escrevia: "[...] O *Amadis* está à espera do Prefácio, q. conto vai chegar amanhã ou depois. As impressões da D. Carolina são — parece-me — excelentes. E a edição francesa está segura, o q. é da máxima importância também. A edição ficará bonita e a capa é um achado. — Se houvesse telefone mtº. gosto teria eu em ler o romance [...]" [BML, A115, nº. 33535].

"[...] Só hoje conheci a opinião de Goethe à cerca do Amadis, na carta a Schiller — 'Pus-me a ler, para fugir ao aborrecimento, toda a especie de coisas e, entre elas, o *Amadis de Gaula*. É verdadeiramente vergonhoso q. me deixasse chegar a esta idade sem haver conhecido esta obra excelente, a não ser nos q. a parodiam'. [...]" [BGUC, esp. CMV].

O modelo de Lopes Vieira é a restituição feita por Joseph Bédier com *Le Roman de Tristan et d'Iseut*<sup>6</sup>, um "tema unico — [...] o Poema!" como revela a D. Carolina, aingido por algum desalento na difícil tarefa de tentar igualar o exemplo. Faz alguns esforços para encontrar a versão do *Amadis* de Robert Southey, que D. Carolina lhe indicara<sup>7</sup>, mas os três grossos volumes que a constituem deixam-no desalentado. Em 1920 informa a professora de que já tem quatro capítulos escritos, mas a crise conjuntural e as dúvidas sobre a metodologia a seguir na restituição do texto impedem-no de prosseguir a um ritmo mais acelerado. A carta referida é de 24 de Setembro de 1920, e diz o seguinte:

"[...] Quanto ao nosso *Amadis*, tenho padecido de hesitações a q. o meu estado de espirito, assaz intoxicado com a epoca, tem talvez emprestado uma pontinha morbida. Espero comtudo aproveitar o meu verão d'este ano num trabalho solido e continuado, prosseguindo muito alem dos 4 capitulos q. tenho feitos, se Deus quiser. É indispensavel condensar, resumir, obter as linhas primitivas. Emfim, nesta empresa ganharei uma neurastenia amadisíaca! [...]" [BGUC, esp. CMV].

Em Fevereiro de 1922, já com os seis primeiros capítulos prontos, pede a D. Carolina que aceite escrever-lhe o Prefácio para o livro desde que o RA (assim baptizado também nessa altura) lhe agrade. Desta data é a sua decisão de incluir no romance o "Lais de Leonoreta", amplamente estudado por ela. Entre Julho e Agosto de 1922, o escritor deve ter redigido a maior parte do romance, pois os seis capítulos passam rapidamente a dezasseis, faltando-lhe apenas dois para terminar aquilo que ele mesmo designa por *paráfrase de artista*. É de 5 de Setembro de 1922 uma carta enviada a Agostinho de Campos, onde Lopes Vieira manda notícias de RA:

"[...] No proximo Outono, s. D. q., dar-lhe-hei o meu *Romance de Amadis*, q. ha três anos *vivia* e agora escrevi num mês de intensissimo trabalho. Qtº. a linguagem, quis eu ser tão literario q. parecesse uma velha ama a contar um conto; e quis *patina-la*, sem usar de um arcaísmo; e fazê-la *viva* sempre... Como vê, isto é ambicioso — e quanto longe terei ficado do q. queria!... [...]" (*apud* Coelho, 1999: 275).

Em Setembro o número de capítulos era já de dezanove, e a carta que envia em Outubro, "explicando sucintamente a intenção e o processo seguidos, com breves anotações a cada um dos 19 capítulos", vale por uma primeira análise crítica da obra, e faz do autor o primeiro exegeta da sua recriação. A primeira observação diz respeito à estrutura do texto, cujo cariz épico ele procurou

<sup>6</sup> ALV possuía este livro [cota: F-7-2703]: *Le Roman de Tristan et d'Iseut*. Renouvelé par Joseph Bédier de l'Académie Française, ouvrage couronné par l'Académie Française, l'ed. d'Art, Paris, cent-trente-septième ed. [sic], Paris, 1922. O livro não tem anotações de ALV, mas as vinhetas e o aspecto gráfico do volume são em tudo semelhantes aos de RA. Em carta não datada, confessa abertamente a CMV que seguiu Bédier como modelo preferencial: "[...] P. S. Devo confessar (se o não fiz ainda) q. o inspirador do meu trabalho foi o de Bédier ao 'renovar' o Tristan, embora os casos fôssem até certo ponto opostos, inda q. ambos — êle com mingua de material, eu com sobejo dêste —, procurassemos a linha *primitiva* e *viva*." [BGUC, esp. CMV]. Aquilino Ribeiro, servido por uma profunda capacidade de análise literária, praticamente reescreverá estas palavras de ALV: "Não sei se Lopes Vieira se deixou contagiar, ao de leve que fosse, pelo êxito de Joseph Bédier com *Tristan et Iseut*. É possível. Bédier tinha tudo a seu favor: o largo ciclo duma literatura copiosa e succulenta onde forragear; uma intriga dobrada à volta dum dos problemas mais emocionais da vida; céu e terra à farta para fundo de seus cenários. Lopes Vieira não disponha mais que duma lição anacrónica, um âlgido interlúnio. [...]" (Ribeiro, [1949]: 295).

<sup>7</sup> ALV pede a Edgar Prestage, professor universitário em Londres, que lhe adquira a edição, respondendo-lhe este, em carta de 29 de Fevereiro de 1922: "[...] Procurei a versão do *Amadis* por Southey. Está esgotada, mas brevemente espero poder mandar-lhe um exemplar em 2dª. mão. [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. VI].

transformar numa sequência lírica, abreviando e sintetizando o que fosse necessário para alcançar o tão almejado lirismo. Obviamente que o autor tem algumas dúvidas sobre o resultado final e sua eficácia à luz deste critério de construção:

"Terei eu despertado para a vida imortal da Poesia esta gesta de amor ou ecloga heróica, q. ninguém lia no tão fatigante texto espanhol? Certo q. o não sei. Sei q. esta *construção* em q. apresento o romance se me afigura lógica e viva, fremente de lirismo." [BGUC, esp. CMV, carta não datada (Outubro de 1922?)].

A segunda observação diz respeito ao critério de autenticidade, ligado à linguagem utilizada, que procurou encontrar sob o texto espanhol os vestígios das redacções primeiras dos Lobeiras, não se limitando a traduzir directamente do castelhano.

### 1.1. A transformação do arquétipo espanhol.

É possível identificar na biblioteca de ALV<sup>8</sup> o livro espanhol sobre o qual o trabalho de reescrita do RA se exerceu. Trata-se de uma obra em IV tomos, impressa em Barcelona por D. Juan Oliveres, incluída no 'Tesoro de Autores Ilustres', intitulada *Amadis de Gaula. Historia de este invencible caballero, en la cual se tratan sus altos hechos de armas y caballerías*, pertencente à biblioteca herdada do tio<sup>9</sup>.

Em *Nova demanda do Graal*, ALV diz-nos, claramente:

"33. O primeiro mestre de Clássicos que tive foi o meu tio-avô Rodrigues Cordeiro [...]. Na sua livraria havia o *Amadis* e a *Diana*, e com êsses exemplares trabalhei." [NDG: 301].

Na verdade, os volumes contêm anotações manuscritas várias e indicações precisas nos diversos capítulos que permitem reconstituir uma parte do processo de trabalho de ALV. A título exemplificativo, e sem pretender fazer uma introdução para uma edição genética de RA, pode ver-se que, na primeira página do primeiro volume, o autor manuscree os títulos dos XX capítulos da sua reconstituição, e na terceira página, com data do Natal de 1923, há uma anotação com o rascunho do título para a tradução francesa: *Le Roman d'Amadis de Gaule, Reconstitution du Roman portugais du XIII e. siècle, par Affonso Lopes-Vieira, traduite en français par Philéas Lebesgue*. Antes do início do texto do "Libro I", ALV deixa mesmo a indicação das balizas temporais em que este trabalho de reescrita decorreu: "O meu Amadis durou de 1918 a agosto de 1922. Laus Deo!"

Todo o tomo I está repleto de anotações e de frases sublinhadas, que evidenciam um trabalho de estudo no sentido de encontrar as sínteses mais importantes. Ao mesmo tempo, o autor deixa inscritos alguns comentários filológicos muito interessantes, que demonstram o seu labor estilístico; as suas reacções de leitor encantado com algumas cenas do livro; as interferências intertextuais com que a

---

<sup>8</sup> A biblioteca de ALV era constituída por uma volumosa e preciosa herança da biblioteca do seu tio-avô António Xavier Rodrigues Cordeiro, acrescida com os exemplares adquiridos pelo próprio escritor ao longo da vida. Esta biblioteca foi legada em testamento de ALV à Câmara Municipal de Leiria, tendo sido inaugurada ao público em Abril de 1955 e instalada numa sala do edifício camarário como "Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira" [BML]. A partir de 1996 a BML passou a funcionar nas novas instalações da rua Cândido dos Reis, no Largo do Terreiro, em Leiria, numa sala especificamente criada para o efeito, onde foram implantadas as estantes e o mobiliário, respeitando a sua configuração na casa do escritor no Largo da Rosa, em Lisboa, e onde se preserva todo o espólio documental de ALV.

<sup>9</sup> A cota do livro é [K-5-1331], datados, o I, de 1847, e os três restantes de 1848.

leitura do *Amadis* se confrontou, nomeadamente com o *Lancelot*, e o soneto forjado pelo poeta quinhentista António Ferreira para dar credibilidade à famosa cena da Briolanja apaixonada; as suas preocupações com a manutenção de uma lógica do género, em que a verosimilhança e o 'efeito do real' ganham novos direitos. Grande parte do RA foi reescrito sobre este tomo I, que contém quase todo o "Libro I", cujos capítulos aparecem assinalados no índice com uma cruz vermelha a indicar sobre quais Lopes Vieira trabalhou preferencialmente.

O tomo II (que contém o cap. XLII do "Libro I", os XXI<sup>os</sup>. caps. do "Libro II" e o I<sup>o</sup>. cap. do "Libro III") apresenta ainda muitas anotações, onde se podem continuar a ler as suas preocupações com as restrições que o género 'romance de cavalaria' impunha à sua própria reescrita, bem como o seu interesse pelo relacionamento intertextual de passos do *Amadis* com o *Quixote*, por exemplo. O Tomo III (com os caps. II-XVIII do "Libro III", e caps. I-III do "Libro IV") tem muito menos anotações, e na p. 265, ALV manuscreeva nova datação, que pode ser lida como prova de que praticamente terá ignorado o IV livro, pois socorre-se da informação de Pero López de Ayala, segundo a qual o livro inicial do *Amadis* só continha três livros: "1918-1922, Agosto, fim / *Amadis*, el muy fermoso, / ... / sus proesas falaredes / en tres libros.../ Pero Ferruz". Além disso, há uma outra anotação manuscrita, na p. 267, que parece indicar que ALV pouca coisa terá retirado do IV livro: "Aproveitei de aqui o pormenor do palafrem, presente de Lisuarte, e os 'palacios e tesouros' da Ilha Firme e também a tristeza de Lisuarte".

Se se cotejarem estas informações com as que Lopes Vieira dá a D. Carolina na carta de Outubro de 1922, onde apresenta uma lista detalhada das 'incidentais modificações introduzidas' que, nas suas palavras, em nada alteram a 'autenticidade da obra', então perceber-se-á como os seus comentários manuscritos espalhados nos tomos da versão espanhola se ajustam às transformações indicadas nessa carta.

### **1.2. A infindável reescrita.**

Já perto da publicação, em finais de Outubro de 1922, começam as preocupações com as correcções do texto, que em alguns casos passam mesmo a aumentos, chegando, inclusivamente, a um 'capítulo novo', com toda a probabilidade o cap. XX, como refere em carta de 31 de Outubro. Em Novembro escreve: "Trabalho afincadamente nos últimos retoques e na revisão." [BGUC, esp. CMV].

Como demonstração desta omnipresente preocupação com a perfeição gráfica e linguística de RA, é importante fazer referência à existência de um espécime bibliográfico único, que faz parte do espólio do escritor, um volume intitulado *Amadis de Emendas* (com uma encadernação semelhante às das outras obras da sua biblioteca pessoal, em especial dos volumes respeitantes ao *Amadis*, que apresentam todos na capa uma gravação a dourado, representando uma espada cercada por rosas), repleto de emendas, que Lopes Vieira terá registado antes da 2<sup>a</sup>. ed. de RA, em finais de 1925. Todo o livro está repleto de alterações e acrescentos, alguns refeitos duas e mais vezes, e ainda de indicações quanto ao tamanho das vinhetas com que se iniciam os capítulos, ou sugestão de outras, bem como das capitais de cada capítulo. Na contra- -capa, na caligrafia manuscrita do poeta, pode ler-se:

"Trabalho de devoção, prosseguido durante / ano e meio, com raro / gosto, e descansando, / em-fim, com a consciência / de não haver podido / fazer melhor. / Novembro de 1925. // Affonso L.V. // P.

S. Outras emendas, nas provas, e / preenchimento, para o bom efeito, / dos *claros* nos começos dos capítulos."

Esta anotação e este volume demonstram o cuidado que punha na correcção dos seus textos, e como três anos depois da 1.<sup>a</sup> ed. continuava a tratar o texto rigorosamente.

Deve referir-se, ainda, um sobrescrito titulado *Cópia dos acrescentamentos do AMADIS, para o texto da nova edição*, datado de 1924-1925 e assinado por ALV, que contém as 12 folhas manuscritas com todas as alterações introduzidas da 1.<sup>a</sup> para a 2.<sup>a</sup> ed.<sup>10</sup>. Provavelmente o precioso conteúdo deste sobrescrito destinava-se a preservar o longo trabalho efectuado no citado volume do *Amadis de emendas*, e não é aleatório que ALV o confiasse a Leonor Rosa, sua amiga e confidente.

Aliás, a correspondência particular, que envia a Vitorino Nemésio neste período, mostra como a sua preocupação com o aperfeiçoamento do texto não cessara, indo até aos limites do possível. Em *post-scriptum* de carta não datada, mas com toda a probabilidade do ano de 1925, e numa carta de 3 de Janeiro de 1926, informa Nemésio:

"[...] P. S. Há um ano q. apuro o texto do *Amadis*, cuja nova ed. conto sairá no próximo Natal. Verá depois como quasi tudo melhorou com os desenvolvimentos, às vezes brevissimos, introduzidos através de todo o Romance.";

"[...] Meados do mês receberá a nova edição do *Amadis*, e com verdadeiro gosto lho mandarei, porq. não esqueço (sou grato) q. V. lindamente festejou o meu Cavaleiro. Espero q. a edição, — texto mtº. apurado, e decorações quinhentistas — lhe agrade. Apurei até onde pude e soube. [...]" [BNLx., esp. E-11]

Outra anotação manuscrita no *Amadis de emendas* permite-nos perceber que, apesar do cuidado diligente posto nas alterações, ainda passaram algumas falhas: "Castigo desta vaidade: — Houve / uma *corrigenda!*... // A. Janeiro de 1926." No 'Index' final acrescenta, depois do cap. XX, "Duas notas", que aparecem efectivamente na 2.<sup>a</sup> ed. de RA<sup>11</sup>.

A 2.<sup>a</sup> ed. apresenta a mesma dedicatória, e o mesmo prefácio da 1.<sup>a</sup>, embora as vinhetas e ornamentações das letras iniciais, que aparecem em todos os capítulos, sejam diferentes — trata-se de uma reprodução das gravuras da edição de Sevilha de Garci-Ordóñez de Montalvo, de 1526, que contam a vida e feitos heróicos de Amadis. Aliás, estas mesmas gravuras são reproduzidas em 1929 no vol. I da *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, de Albino Forjaz de Sampaio (pela Liv. Aillaud & Bertrand) nas pp. 186-7, como cercadura das primeiras páginas do resumo da reconstituição portuguesa de *O Romance de Amadis*, feito por Afonso Lopes Vieira. Nesse volume, profusamente ilustrado, aparecem ainda diversas outras gravuras de Amadis de Gaula, da ed. de Paris de 1557, algumas gravuras quinhentistas francesas, e faz-se a reprodução fotográfica de algumas páginas impressas da ed. de Sevilha

<sup>10</sup> Uma edição crítica de RA deve, obviamente, fazer a colação entre o conteúdo deste envelope e as alterações introduzidas da 1.<sup>a</sup> para a 2.<sup>a</sup> ed. O envelope tem o n.º de catalogação 32092, e na frente dele, além do título, da assinatura e da data, pode ainda ler-se: "Para ficar em poder da Exm.<sup>a</sup> Senhora D. Leonor Rosa, *grande Amiga*." No verso do envelope lê-se: "*O ROMANCE DE AMADIS* § reconstituição do 'Amadis de Gaula' dos Lobeiras (séculos XIII-XIV) por Afonso Lopes Vieira", seguido de um *ex-libris* gravado de ALV, tudo a tinta roxa. As 12 folhas encontram-se numeradas a lápis vermelho, no canto superior direito, sendo as duas primeiras de papel de diferente qualidade e dimensão (16,5cm x 22cm) das restantes (12cm X 22,5cm), e encontrando-se apenas manuscritas de um lado, ao contrário das fs. 3 a 11, que se encontram manuscritas frente e verso. O conjunto está manuscrito a tinta roxa, mas apresenta alterações a lápis vermelho, azul e grafite. Há ainda muitas alterações riscadas na mesma tinta roxa.

<sup>11</sup> O título desta 2.<sup>a</sup> ed. é: *O Romance de Amadis. Reconstituição do Amadis de Gaula dos Lobeiras (séc. XIII-XIV) por Afonso Lopes Vieira*, ed. Portugal-Brasil, Lx., Nova edição, Vésperas do ano bom de 1926 (e tem o n.º. de registo 6802, na biblioteca de ALV).

de 1526 e da parisiense de 1541 (com a canção de Leonoreta), e ainda da folha de rosto, e respectiva gravura, do Livro IV da ed. de Sevilha de 1548.

O *Times Literary Supplement*, de 25 de Março de 1926 dá notícia desta 2ª. ed., referindo-se à elegância das novas ilustrações: "[...] Unlike the first edition (1922), this second edition is delightfully illustrated throughout with woodcuts. [...]" (AN, 1926: R, II: f. 40r.). Também Vitorino Nemésio, em carta datada de 3 de Fevereiro de 1926, agradece a 2ª. ed., destacando as ilustrações:

"[...] Recebi ante-ontem a preciosa oferta da reedição do *Amadis* [...]. É claro que, se a primeira estampa do Romance vinha perfeita, esta no gôsto e aparo é perfeitíssima. Não sei o que mais admirar em si, meu Amigo; se a sua compenetração no génio vivaz da linguagem, se o gôsto impecável com que a urde, o que é talvez uma aptidão diferente. Há pessoas que escrevem em português puríssimo, sem que contudo a prosa delas se oiça tecer com ritmo, — e fiar. E ao ler a sua eu sinto os pedais ligeiros e os leves fusos fumegando. Há um verbo que maravilhosamente me vem para falar do seu livro: o verbo *exalar*. [...] O seu formoso presente chegou numa bela altura: entre as minhas leituras em comum de noivo já tem um lugar marcado, com firme pedra branca, a tocante 'epopeia da fidelidade amorosa'. Bem haja! As gravurinhas saborosas da edição de Sevilha, mesmo, já me fizeram sorrir e à minha noiva ao serão. [...]" [BML, *Cartas* [...], vol. VII].

Nas "Duas Notas" finais (cuja paginação, XLVII, aparece como uma continuação do Prefácio), o escritor permite-se fazer observações de ordem filológica sobre as diferenças entre as duas edições, e sobre os estudos publicados acerca do RA. Assim, quanto ao confronto entre as edições, diz:

"Esta edição reproduz o texto da *princeps*, à excepção de uma frase da página 4 e da quadra introduzida no capítulo XX. Mas foram acrescentados, através do Romance, muitos períodos novos, a-fim-de se obter melhor desenvolvimento, e feitos numerosos apuros de composição. O texto contido neste volume poderá ser considerado definitivo." [RA, 2ª. ed.: XLIX].

A frase a que se refere — a substituição de "Invoco o par para sempre enlaçado e vivo de Tristan e Iseu, que morreram de amor e dor ambos os dois." [RA: 4] por "Invoco a alma do Portugal que aprendeu com Amadis a ser gentil e forte, e a prezar a flor da Honra" [RA, 2ª. ed.: 4] — mostra como houve um desvio da perspectiva do amor-adoração-fatalidade para o amor de Portugal, firme e honrado, como se o próprio conceptualismo lírico de ALV tivesse sofrido uma reinterpretação. A troca das quadras<sup>12</sup> revela também uma mudança de uma perspectiva mais saudosista para uma outra mais simbólica, de acordo com o clima do romance.

Os *apuros de composição* e os acrescentos de *períodos novos* foram, efectivamente, muitos, e quase todos servem para desenvolver psicologicamente a dimensão das personagens; ou episódios centrais relacionados com as cenas amorosas, as penas de amor, as revelações extraordinárias; ou a intromissão de mais momentos de dramatismo com o desenvolvimento dos diálogos; a poetização de algumas descrições (como por exemplo, este acrescento de forte pendor lírico: "Entretanto a noite caía, e com a sombra vinha o segrêdo propício ao desejo dos namorados." [RA, 2ª. ed: 162]). Há um outro acrescento, relativamente ao episódio de Briolanja e ao pedido de Afonso IV a Lobeira, em cuja interpretação os eruditos oscilavam, e através do qual se pode concluir que o autor sacrificava a coincidência rigorosa com a tradição à verosimilhança interna necessária à sua própria recriação da

<sup>12</sup> A quadra presente na 1ª. ed. era: "Quem se embarca? quem se embarca? / quem vem comigo? quem vem? / Quem se embarca no meu peito, / que linda maré que tem!" [RA: 205]; a da 2ª. ed. é: "Lá no meio dêsse mar / ouvi cantar, escuíttei: / saíu-me a senhora sereia / lá no palácio de el-rei." [RA, 2ª. ed.: 209].

história, que tinha sobretudo a ver com o seu encanto: "Não entendeu neste ponto o infante ao trovador. Se tal cousa se pusesse na história, ir-se-nos-ia grande encanto dela." [RA, 2ª. ed.: 113].

As correcções, modificações e acrescentos, que a 1ª. ed. impressa vai sofrer, mostram como a escrita toma posse do impresso e o próprio autor encontra sempre novas hipóteses de autoridade sobre o seu texto.

Além da 2ª. ed., de 1926, a que já nos referimos detalhadamente, há ainda a 3ª. ed. de 1935, (da Livr. Bertrand, Lx.) intitulada *O Romance de Amadis. Reconstituído por Afonso Lopes Vieira*, que aparece expressamente com a indicação '3ª. ed. corrigida'. Nesta 3ª. ed. a dedicatória simplificou-se, e resume-se a "À Memória de meus Pais"; o Prefácio é rigorosamente o mesmo; as vinhetas e miniaturas das letras iniciais são iguais às da 2ª. ed. e não apresenta as "Duas Notas" finais.

Na Biblioteca Municipal de Leiria há um exemplar desta edição, com o nº. de catalogação 32090, que apresenta na capa, autografado a lápis azul: "Exemplar para a nova edição". Sobre este volume ALV trabalhou numa versão para a 4ª. ed., a que vai chamar 'texto definitivo'. O número impressionante de emendas — com várias camadas de papéis colados e sobrepostos nos locais em que há mais modificações, as locuções riscadas mas que depois se voltam a escrever exactamente da mesma maneira — mostram a sua insatisfação com o texto e a sua ânsia de perfeição.

Embora a 4ª. ed. não apareça datada, algumas das emendas manuscritas fazem alusão aos caracteres tipográficos usados em *A Paixão de Pedro o Cru* [PPC], o que pode apontar para uma data posterior a 1940, data da 1ª. desta obra. Na contra-capá da 4ª. ed. anunciam-se os livros *Nova demanda do Graal* [NDG], de 1942, e PPC, o que faz avançar a data desta edição pelo menos para o ano de 1942. Há ainda uma folha solta, impressa, onde estão inscritas as obras de Lopes Vieira, e onde ele acrescentou, manualmente, o título da sua edição de 1945, *Corte na Aldeia*, de Rodrigues Lobo. É natural que, em 1945, o escritor gostasse de deixar um *texto definitivo* aos seus leitores vindouros.

Esta última edição de RA pode fazer-nos concluir que a intenção de Lopes Vieira era menos a de corrigir eventuais falhas da edição anterior — correcções que nunca deixará de fazer em todas as reimpressões dos seus livros — mas sobretudo a possibilidade de *continuar a reescrever*, num aperfeiçoamento constante da forma ideal perseguida, que a expressão *texto definitivo* orgulhosamente documenta. Se retomar a escrita tem que ver com uma perseguição do equilíbrio desejado, não deixa de ser uma revisão que põe em causa a integridade do texto anterior, isto é, a homogeneidade de uma escrita que era afirmada pelo livro na sua 1ª. edição. Como o texto de *Amadis*, assim também o de RA não é imutável e as alterações introduzidas pelo próprio autor sobre a sua escrita primeira podem continuar a ser entendidas como novas reescritas, na tentativa de melhor compor o que, em última análise, nunca ficará definitivamente composto. Como concluiu Bernhild Boie: "[...] L'usage de la réédition constitue donc dans bien des cas pour l'écrivain une véritable provocation à la réécriture." (Boie, 1993: 39).

No entanto, este cuidado com a versão definitiva é um reforço mais do apreço que o escritor manteve por RA, até ao fim da vida, bem como da recepção favorável do público leitor. Mas, o primeiro instrumento a contribuir para essa autoridade emanada da restituição tinha sido o Prefácio, espécie de janela de apresentação para o texto e de ensaio filológico a revelar e a inscrever, com o selo da instituição literária, a importância da reescrita de *Amadis*.

## 2. Um prefácio sob encomenda.

Percebe-se também, pela já citada carta de Outubro de 1922, como o discurso analítico de Lopes Vieira procura influenciar a direcção a seguir pelo discurso crítico, que ele espera ver D. Carolina apresentar no Prefácio ao RA. Assim, por exemplo, as referências que faz ao modo como trabalhou a linguagem, sem deixar que os arcaísmos contaminassem a *patine* da novela, servindo-se de uma linguagem moderna sem inverosimilhanças, ou a inclusão do "Lais de Leonoreta", cuja justificação filológica ninguém melhor do que D. Carolina podia dar, convertem-se em indícios de fuga a uma postura de erudição, que efectivamente o escritor praticou, mas cuja imagem quer ver escondida sob a *naturalidade* do produto artístico final que é RA.

Em Novembro e Dezembro de 1922, o escritor está nitidamente preocupado com o teor do Prefácio. Apenas a título exemplificativo, entre os muitos reparos e observações que lhe faz a propósito do Prefácio, veja-se este, presente na carta de 22 de Novembro de 1922:

"[...] O q. V. E. diz do Prefacio parece-me justo como *proporção*, sómente será indispensável dar em resumo as razões da *nacionalidade* do Romance, as quais servirão de solida base a futuros prefacios de edições estrangeiras [...]. Esta questão da nacionalidade, com a hipótese das duas redacções de João e Vasco, peço a V. E. não deixe de tratar com algum desenvolvimento, embora sintetizando, como artisticamente lhe sugere o estilo e o *formato* da obra. [...]" [BGUC, esp. CMV].

Lopes Vieira procura, cada vez com menos subtileza, influenciar algumas das linhas mestras que lhe parecem imprescindíveis, como a das "razões da *nacionalidade* do Romance", para o que junta a indispensável referência bibliográfica de Menéndez y Pelayo; ou a das referências intertextuais presentes em RA, como a da *História Trágico-Marítima* [RA: 144-5], as quadras do *Cancioneiro da Ajuda* [RA: 205], as descrições das embaixadas de Garcia de Resende [RA: 211-2] e algumas referências do IV livro do *Amadis* espanhol com a caracterização da Ilha Firme [RA: 116]. Não faz referência a uma citação de *Crisfal*, que aliás aparece explicitamente grafada em itálico [RA: 118], nem à da *Nau Catrineta* [RA: 208], provavelmente por ser evidente que D. Carolina as encontraria, o que efectivamente acontece [RA: XXXIX]. Mas insiste com ela para não esquecer a célebre citação de Cervantes, onde este tecia elogios ao *Amadis* e o salvava da imolação pelo fogo.

A leitura do Prefácio de RA, à luz desta correspondência particular, mostra-nos que D. Carolina seguiu grande parte das indicações explícitas e implícitas de ALV. O seu prefácio faz uma revisão diacrónica sobre a questão da redacção primitiva do *Amadis* e das três elaborações subsequentes [RA: XVI-XXIII], onde inclui a justificação da importância do "Lais de Leonoreta" como amostra da redacção primeira; enumera os factores de influência do *Amadis* sobre os homens de letras, sem esquecer de referir Goethe, Cervantes com o elogio que suplanta a ironia destruidora do anti-modelo do *Dom Quixote*, e a opinião abalizada de Menéndez y Pelayo [RA: XXIII-XXVI]; refere a questão da nacionalidade portuguesa do texto e do alargamento de público que a tradução castelhana lhe permitiu, bem como o problema das origens [RA: XXVI-XXXVII]. D. Carolina apoia-se nos estudos espanhóis, portugueses e ingleses, e pronuncia-se a favor da origem portuguesa.

Efectivamente, estas eram as linhas sugeridas nas cartas de Lopes Vieira, que era detentor dos elementos bibliográficos suficientes para poder escrever um texto introdutório deste tipo. Para

modernizar um texto envelhecido pela poeira de tantos séculos, o autor não podia ser apenas a projecção da imagem romântica do poeta da sensibilidade e da intuição. Tinha desempenhado na perfeição o papel do poeta-filólogo, que domina com rigor o seu objecto de estudo, intrinsecamente e na sua dimensão histórica. Estava, por conseguinte, em condições de assumir publicamente esse papel de erudito e redigir ele mesmo o seu próprio prefácio. Não seria, talvez, ainda este o momento oportuno, ou não tinha atingido a necessidade de se confrontar com a dimensão pedagógica da sua escrita, e, obviamente, perderia grande parte da autoridade que o Prefácio de uma professora universitária com o prestígio de D. Carolina lhe acrescentava, já para não falar na oportunidade de se ver tratado, ele próprio, como um autor canónico. Nesse sentido, D. Carolina apresenta uma argumentação subtil e arguta, com a qual quer provar que esta reescrita é, no fundo, uma "primeira escrita", pois embora seja a 4ª. redacção: "[...] pretende ser como que a recondução do texto, por duas vezes renovado, à sua forma primitiva, *verdadeiramente portuguesa* [it. nosso]." [RA: XV].

Os argumentos para essa primazia são de várias ordens: linguística, pois RA está escrito na língua portuguesa, em bom vernáculo, com uma qualidade assinalável ("Simples, poético, de graciosa e palpitante castidade, hábilmente tocado de leve pátina de idade, conquanto sem um único arcaísmo" [RA: XV-VI]); pragmática, já que a síntese dos 4 livros nas duzentas e poucas páginas de RA o transforma num livro de leitura adequada ao público contemporâneo ("De mais a mais numa redacção tão condensada e atraente que num serão um bom leitor pode abranger o conjunto" [RA: XVI]); nacionalista, pois Lopes Vieira foi o primeiro que, ao fim de tantos séculos de esquecimento, se lembrou de "restituir à pátria o tesouro que na sua fidalga prodigalidade ela deixara escapar das suas mãos" [RA: XXXVII]; psicológica, já que o poeta foi capaz de se identificar, "por afinidades naturais ou electivas, com o trovador *João Lobeira* (João Pires Lobeira Alvim) do século XIII e com o cavaleiro *Vasco Lobeira*, do século imediato, como já se havia identificado com Mestre Gil Vicente, nacionalizando o *Monólogo do Vaqueiro*." [RA: XXXVII]; estética, pois esta reescrita só poderia ser levada a bom termo por alguém com uma "intuição luminosa, um gosto seguro" [RA: XXXVII].

D. Carolina identifica o trabalho de renovação efectuado por Lopes Vieira, em grande parte, com uma capacidade de redução exercida sobre os fatigantes 135 capítulos da versão espanhola. Segundo a professora, ele reduz, e com propriedade, os excursos moralizadores, estranhos à obra na sua versão primitiva, as repetições de aventuras e feitos, os enredos inúteis, as figuras secundárias, as inúmeras batalhas e duelos de *Amadis*. Em contrapartida, desenvolve "o *elemento humano, o carácter lírico* da Novela. Portuguêsmente lírico." [RA: XXXIX]. Esse lirismo encontra-se na exploração do núcleo sentimental do romance, o "amor-adoração à portuguesa", o idealismo amoroso que se sobrepõe aos feitos heróicos do cavaleiro, que acabam por ganhar a sua justificação última em função do amor.

Assim, aceitando que todas estas modificações ajudaram a criar um novo texto, o escritor é visto como um autor original e moderno: "Sendo dos Lobeiras, é também de Afonso Lopes Vieira o *Romance de Amadis* pelo que o viveu e sentiu com apaixonada devoção. E como a construção, assim a linguagem é toda dêle." [RA: XL]. A fórmula final de agradecimento, com que D. Carolina termina o Prefácio, enaltece-o por um trabalho de missão completo: "Bem haja pelo serviço que prestou às Letras pátrias." [RA: XLI].

Bastaria este reconhecimento para Lopes Vieira se achar recompensado do seu labor reconstrutivo?

Percebe-se, pelo teor da correspondência, que as primeiras reacções do escritor ao Prefácio não teriam sido muito eufóricas, o que se compreende, dadas as grandes expectativas que vinha construindo sobre RA. No entanto, procura desculpar-se perante D. Carolina, depois de ter deixado transparecer uma primeira impressão negativa, considerando o valor do Prefácio como análise crítica, e o valor acrescido que transmite à obra que assim apresenta. A leitura destes excertos de correspondência, em que ele se desculpa perante CMV, permitem-nos imaginar o equívoco que poderia ter nascido entre o devoto aluno e a melindrada mestra:

"[...] Fui *estupido e mau* qdº. me referi ao Prefacio — e perdôe-me! Mas é q. só depois de o haver lido *composto* avaliei bem das suas qualidades. § Tudo nele me contenta — a erudição sem peso, a lição clara e o forte nacionalismo. E na parte q. se me refere V. E. foi bem generosa e bem amiga. Por isso tudo eu beijo as suas mãos com a *enternecida* gratidão e afeição q. V. E. merece pelas suas altíssimas bondades e meritos altíssimos. [...]" [BGUC, esp. CMV, carta nd. (Jan. de 1923?)];

"[...] O Prefacio realiza — repito-o — *inteiramente*. a minha aspiração, e enriquece e consagra a minha tentativa do *Amadis*. [...]" [BGUC, esp. CMV, postal de 22 de Janeiro (de 1923?)];

"[...] *Sob minha palavra de honra* afirmo a V. E. q. o seu Prefacio me contenta absolutamente, como primorosa lição q. é, dada com o estilo q. a obra requeria, e até com *panache* para a obra — e para mim. [...]" [BGUC, esp. CMV, postal nd.].

### 3. A recepção e avaliação do produto final.

Um dos métodos, utilizados por Lopes Vieira para avaliar do efeito produzido no público, consistia em escolher alguns privilegiados, a quem lia directamente o texto e a quem pedia opinião. Sabe-se que o fez com o Conde de Sabugosa<sup>13</sup> e com Aquilino Ribeiro<sup>14</sup>, lamenta não o poder fazer com Leonor Rosa, mesmo que fosse por telefone, nem com D. Carolina Michaelis, e chega mesmo a fazer a experiência da leitura com uma mulher do povo<sup>15</sup>. Destes leitores, conhecem-se as reacções críticas e negativas de Aquilino Ribeiro, na parte do ensaio que dedica ao autor, intitulada "O seu lugar na novelística" (Ribeiro [1949]: 287-97). À partida, Aquilino não acredita na possibilidade de ressurreição nem da 'novela de maravilha', nem do 'poema épico', nem da 'novela pastoril', pois, segundo pensa, a "vida tomou outros rumos e com ela a arte literária" (*idem*: 289). Percebe-se, por conseguinte, a sua severa e justificada crítica a este trabalho de restituição. Vejam-se as suas palavras:

<sup>13</sup> Em carta datada de 7 de Fevereiro de 1922, diz a CMV: "[...] Tenho prontos os seis primeiros caps. e tendo-os lido aqui ha dias ao nosso amigo Conde de Sabugosa, muito me agradou e animou a opinião dêste nosso ilustre e bom Amigo. [...]" [BGUC, esp. CMV].

<sup>14</sup> Aquilino Ribeiro descreve uma noite do Verão de 1922 em que visita ALV na sua casa de S. Pedro, e ele lhe lê a sua versão de RA: "[...] Quando chegámos a sua casa, batida pelas ondas, com os muros enterrados nos arrecifes como os leixões dum porto, era tarde. E depois dum lance de olho às estrelas do mar que cintilavam numa larga taça de cristal, num recanto da sala, com os ângulos amortiçados em sombra, encetou à luz quebrada dum grande candieiro a leitura do livro que lhe era querido." e "Na noite estival, com a floresta adormecida sob o langor da canícula, leu-me a reposição do *Amadis*, dando bom despacho a uma que outra nótila que lhe fui suministrando. Quando nos fomos deitar, era quase manhã." (Ribeiro, [1949]: 287-8 e 291).

<sup>15</sup> Em carta de 31 de Outubro de 1922 conta a CMV: "[...] Na curiosa experiência q. fiz com uma mulher do povo, aliás muito inteligente, vi como ela seguia, entendia e *queria mais*, qdº. lhe li o começo do Romance. [...]" [BGUC, esp. CMV].

"[...] Capacito-me que nesta obra de restauro idiomático e de não menos profunda redução ortopédica [...] não se operou o milagre esperado da restituição a seu dono. [...] O gosto de LV era sóbrio, zeloso de realidade e, no capítulo dos bons costumes, timorato por génio em saltar fora da órbita delimitada pela moral reinante católico-burguesa. [...] Reduzida assim a um românico estrito, desossado do humano e desbastada em sua luxúriação bastarda, resultou um conto seco e magro, sem encanto, sem capitoso, aguentado apenas graças a uma linguagem castiça, embaladora, com sapientes toadas e modilhos que, sem ser obsoletos, mas redundantes para lábios que se expressam por iniciais: *Onu, Cuf, Cgt*, têm o condão de levantar em nossos ouvidos um eco, mercê da ancestralidade, de tão agradável ressonância. Por esta excelsitude verbal se salva o trabalho de LV, trabalho, repetimos, que deve reportar-se ao mesmo espírito de reintegração, para empregar o termo da sua inventiva, que presidiu ao arranjo da *Diana* e até certo ponto à vulgarização de Gil Vicente. [...]" (Ribeiro, [1949]: 289-91);

"O *Amadis*, que me foi dado apreciar no berço, ficou assim um conto elegante, desmoitado do maravilhoso e do erótico libertino — e porventura a sua real medula não era outra — correcto, com um fiozinho de sentimento a manar como o azeite numa azenha esvaziada, lírico sem abuso, concisamente provençal e português no verbo." (*idem*: 293).

A esta imagem de um relativo falhanço literário, opõem-se as notícias animadoras do sucesso editorial do livro<sup>16</sup>, bem como as recensões na imprensa da época<sup>17</sup>, as entusiásticas trocas epistolares<sup>18</sup>, as três sucessivas reedições até à considerada definitiva; e ainda as traduções de RA, o resumo incluído, em 1929, na *História da Literatura Portuguesa Ilustrada* de A. Forjaz de Sampaio — que dão a imagem oposta, de um sucesso que se espalhou dentro do país e no estrangeiro, e foi assimilado pela instituição literária.

### 3.1. As traduções.

Campo igualmente interessante como sinal do sucesso de RA é o das traduções. A primeira tradução a aparecer é a de Philéas Lebesgue, em 1924<sup>19</sup>, o que é bastante significativo, dadas as relações ainda preferenciais entre a cultura francesa e a portuguesa. Da correspondência de Lebesgue para Lopes Vieira, durante este período de tempo, pode depreender-se que houve uma evidente colaboração entre os dois, e que o escritor acompanhou a tradução com as suas próprias sugestões, quando não mesmo imposições.

<sup>16</sup> Em postal de 5 de Março de 1923, para CMV, ALV comenta: "[...] O triunfo do *Amadis*, q. é realmente positivo, mesmo no grande publico (cêrca de 1000 exemplares vendidos!) repito q. me é agradável também por V. E., q. foi desde o começo (1918) a padroeira da minha empresa.[...]" Em postal de 9 de Abril, escreve: "[...] Qtº. aos exemplares encadernados, foram postos à venda 60, e em poucas horas fôram adquiridos, tendo-se mesmo feito uma especie de assinatura de amadores pª. os adquirir. [...]" [BGUC, esp. CMV].

<sup>17</sup> No postal de 28 de Fevereiro de 1923, faz referência a um artigo de Aníbal Soares, publicado no *Correio da Manhã*; no postal de 2 de Março refere-se a um artigo de Julio Brandão, e ao de António Sérgio na *Seara Nova*. Em postal de 9 de Abril agradece as indicações de CMV sobre outros dois artigos, o de Nemo e o do *Janeiro*. Todos estes artigos aparecem recortados no vol. II de *Remembrancha*.

<sup>18</sup> ALV fica tão satisfeito com algumas dessas cartas, nomeadamente as de Mendes dos Remédios, Aubrey Bell, Menendez Pidal, Bonilla Y San Martin, Andrés Martinez Salazar, que revela a CMV grande parte do teor dessas cartas [vide BGUC, esp. CMV]. No vol. VI das *Cartas [...]* há um bloco de correspondência organizado tematicamente só sobre RA, embora no vol. VII ainda apareça muita correspondência sobre o mesmo assunto.

<sup>19</sup> O título da tradução é o seguinte — *Le Roman d'Amadis de Gaule. Reconstitution du roman portugais du XIIIe. siècle par Affonso Lopes-Vieira. Traduite en français par Philéas Lebesgue avec des bois de René Blot d'après d'anciennes gravures*. Chez Claude Aveline, ed., Paris, 1924 — e na biblioteca de ALV, com o n.º 6803, existe o "Exemplaire n.º 1 imprimé pour Monsieur Affonso Lopes-Vieira". O prefácio desta ed. francesa é o de CMV, traduzido por Lebesgue (pp. XXIII-XLIV), e há um "Avant-Propos du Traducteur" (pp. IX-XXI) em que Lebesgue coloca o RA na linhagem da restituição de Bédier, com *Tristan et Iseut*, e põe a tónica não apenas no problema das origens de *Amadis*, mas no problema do sentido metafísico e social que se pode atribuir a *Amadis*. Esta ed. termina com "Deux Notes de l'Éditeur" (pp. 215-9), a Iª. sobre as ilustrações, que são basicamente as mesmas da 2ª. ed. de RA, tendo apenas a mais as miniaturas ornamentais com que se iniciam os caps. II a XX, bem como a do final do cap. XX; a IIª., com indicações bibliográficas sobre Ph. Lebesgue.

Leia-se esta carta de Lebesgue, datada de 20 de Setembro de 1923, reveladora dos últimos preparativos para a publicação da tradução francesa:

"[...] J'ai reçu vos précieuses notes en un moment où M. Aveline me réclamait instamment les épreuves. J'ai fait aussitôt mon profit de vos minutieuses indications et j'ai effectué les corrections en conséquence. J'ai résolu selon vos préférences la question des *noms propres* — j'osais cru pouvoir les rajeunir vis à vis de notre public par une pointe d'exotisme — et j'ai traduit la chanson de Leonorette en vers. Je n'avais pas osé y toucher de peur d'en détruire le charme musical. Votre collaboration va me permettre d'offrir au public une chose un peu moins indigne de votre chef d'oeuvre. M. Aveline m'y pressionne et une affiche de librairie est déjà prête où il annonce le pendant de *Tristan et Iseult*. [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. VI].

Lopes Vieira defendia a permanência dos nomes próprios das personagens na tradução francesa, bem como a manutenção do lirismo da 'canção de Leonoreta', cuja versão deveria continuar a aparecer em verso, pormenores que ajudam a perceber a importância atribuída pelo autor da restituição portuguesa a todos os momentos de reescrita relacionados com a sua 'obra-prima' da *alma portuguesa*. Esta tradução, segundo Lebesgue, que ofereceu exemplares a nomes consagrados das letras francesas como J. Bédier e Camille Mauclair, teve uma boa recepção em França<sup>20</sup>, o que contribuiu para alargar o conhecimento da literatura portuguesa, através de Lopes Vieira, e fez com que o tradutor chegasse a sonhar com um prémio da Academia Francesa, o que corresponderia ao reconhecimento público deste sucesso além-fronteiras.

Foi ainda devido à influência de Lebesgue que RA veio a ter uma tradução eslovena. Anton Debeljak, professor de francês na Jugoslávia, entusiasma-se com a tradução de Lebesgue e pede autorização a Lopes Vieira para encetar uma tradução para esloveno. A carta de Debeljak é de 11 de Janeiro de 1924, e diz:

"[...] Cependant, mon vénérable Maître et ami, M. Philéas Lebesgue m'ayant fait envoyer son admirable *Amadis de Gaule* qui est vôtre, j'eus tout de suite grande envie d'en trouver le texte original. § C'est qu'à l'occasion je voudrais le mettre en slovène (idiome sudslave, peu répandu et qui se parle à l'ouest du Royaume SHS) si, toutefois, vous ne vous y opposez point. [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. VIII]

Na sequência da aquiescência do autor, Debeljak escreve uma outra carta, em 27 de Janeiro, onde se mostra convicto do valor da obra:

"[...] Vous ne sauriez vous figurer la joie que m'a procurée l'envoi de votre beau roman. O Romance de *Amadis* qui se met à parcourir le monde comme l'a fait, dès le 13e. siècle, son prédécesseur, le Beltenebros de Lobeira. Sa simplicité touchante ne manquera pas de conquérir les coeurs jeunes et généreux. [...] Je suis persuadé que dans cette seule 'vieira' on percevra toute une houle de sentiments héroïques et lyriques qui animent l'Esprit portugais [BML, *Cartas [...]*, vol. VIII]

A tradução acaba por ser publicada em fins de 1925<sup>21</sup>, com o acordo do autor, agradado com a ideia de que a: "Alma heróica e lírica do nosso Cavaleiro se integre numa Pátria nova"<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Em carta de 15 de Janeiro de 1924, já com a tradução publicada, Lebesgue escreve a ALV: "[...] *Amadis* reçoit partout un enthousiaste accueil. J'avais offert, en notre nom à tous deux, l'ouvrage à *Mauclair* et à *Bédier*. A Claude Avelin j'ai écrit à propos d'un prix de l'Académie. J'étudierai cela et le reste. [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. VIII]

<sup>21</sup> Affonso Lopes Vieira, *Amadis. Roman*. S Pisateljvjm Dovoljenjem iz Portugalscine Prevedel Dr. A. Debeljak, Ljubljana, 1925. Izdaja, Zalozba Vigred Ljubljana. Um exemplar desta tradução existe na BML com o registo nº 6770, e apresenta a seguinte dedicatória manuscrita a ALV: "Hommage de respectueuse gratitude / à M. Affonso-Lopes-Vieira // Anton Debeljak, / Ljubljana, le / 15 février 1926."

<sup>22</sup> Estas palavras de ALV fazem parte da carta de resposta que envia a A. Debeljak, em 18 de Janeiro de 1924, e que este transcreve na sua tradução, no "Dodatek", na p. 97.

Em 1924, Lopes Vieira está também entusiasmado com a possibilidade de uma tradução em inglês, na sequência da oferta de Aubrey Bell e de Edgar Prestage, e chega mesmo a anunciá-la. Aliás, o fasc. I da *Lusitânia*, no seguimento de uma notícia relativamente à tradução de Lebesgue, adianta a novidade da tradução inglesa: "[...] Ainda a propósito da mesma obra, diremos que o sr. Aubrey Bell terminou a sua versão inglesa. [...]" [*apud* L, I, 1924: 152] No entanto, por dificuldades em encontrar um editor, nunca chega a ser publicada. Lebesgue interessa-se pelo assunto, e procura encetar algumas diligências que viabilizem esta versão inglesa, mas nenhuma dessas acções terá resultados práticos. Edgar Prestage, que entretanto tinha em seu poder a tradução de RA, concluída por Aubrey Fitz-Gerald Bell, acaba por enviá-la a Lopes Vieira, que a guardou, provavelmente à espera de melhor oportunidade para a publicar<sup>23</sup>.

Esta breve resenha mostra como a questão das traduções assumiu um relevo grande na projecção canónica de RA.

### 3.2. A recepção crítica.

Quanto aos estudos dedicados a RA, ALV refere-se aos espanhóis Menéndez Pidal, Bonilla y San-Martín, Ramiro de Maetzu, Jose María de Cosío, mas destaca um artigo de António Sardinha, "Significado do *Amadis*"<sup>24</sup>, que considera um "magnífico ensaio", de penetração, "ao mesmo tempo crítica e lírica" [RA, 2ª. ed.: XLIX], para o qual já tinha chamado a atenção de D. Carolina e de D. Leonor Rosa, sublinhando o aspecto inovador que trazia para os estudos sobre os elementos de identificação nacional.

Nesse estudo António Sardinha segue as fundamentais lições de Menéndez y Pelayo e de D. Carolina, pronunciando-se claramente pela nacionalidade portuguesa da novela, onde destaca o lusitanismo do idealismo amoroso, através de um par de amorosos fora da lógica medieval do amor adúltero dos ciclos bretões<sup>25</sup>. A fidelidade natural é coadjuvada com os estudos do alentejano António Tomás Pires sobre a situação dos cônjuges dentro do regímen matrimonial das instituições jurídicas portuguesas, que Sardinha utiliza como argumento de peso na sua argumentação:

<sup>23</sup> No espólio da BML encontra-se um sobrescrito catalogado sob o nº. 32015, cujo emissor é Edgar Prestage / 16 Holland SL / Londres W8 e é dirigido a ALV / 7 Largo da Rosa / Lisbon / Portugal, depois reencaminhado para S. Pedro de Moel, com carimbo de correio de 30 de Setembro de 1937, que contém 34 fs. A4 dactilografadas, em papel vegetal, escritas só de um lado e agarradas com um gancho, com a tradução inglesa do *Amadis* intitulada: "*THE ROMANCE OF AMADIS*. Composed, with Lobeira's *Amadis of Gaul* in view, by Affonso Lopes Vieira (Rendered into English by A. F. Gerald)." Esta informação da autoria da tradução encontra-se riscada a lápis, o que pode querer dizer que houve alguma intenção de não chegar a declará-la. A 1ª. f. do conjunto contém a tradução em inglês da "Leonoreta Song in *Amadis de Gaula*".

<sup>24</sup> O artigo em questão era constituído por duas partes, I e II, e foi publicado na revista *Nação Portuguesa*, 2ª. série, nºs. 9 e 10, respectivamente de Março e Abril de 1923. Sintomático da importância que ALV atribuía a este ensaio, é o facto de se encontrar arquivado integralmente no vol. II de *Remembrança*, nos fols. 18r. a 21r., bem como a referência que lhe é feita no vol. I da revista *Lusitania*, fasc. I, de Janeiro de 1924, na rubrica "Marginália", onde se pode ler na p. 152, "Le Roman d'Amadis de Gaule", a propósito da tradução de Ph. Lebesgue: "[...] a origem nacional da novela (problema também últimamente tratado por António Sardinha nos números 9 e 10 da *Nação Portuguesa*) [...]"

<sup>25</sup> Também Menéndez y Pelayo já tinha chamado a atenção para este aspecto diferenciador de uma certa purificação: "[...] La influencia del *Tristán* es acaso la más profunda, aunque el concepto difiera mucho en ambas novelas y se purifique tanto en el *Amadis*. Pero cuando el autor se resbala, aunque ligeramente, en la parte erótica de su libro, es por la mala influencia de sus modelos. [...]" (Menéndez y Pelayo, 1905: CCVIII).

"[...] Ora na igualdade perfeita de dois seres que se amam, — em Oriana e Amadis, personifica-se a compleição especialíssima do lusitano, tanto a gosto seu traduzida na instituição social e jurídica da *comunhão de bens*. [...]" (*apud Nação Portuguesa*, nº. 10, 1923: 462).

Lopes Vieira estimava especialmente esta análise, pois autorizava a sua própria concepção de lirismo nacional, com uma versão naturalizada do amor. Sardinha vai ainda mais longe, ao considerar RA um dos livros mais importantes na concepção de Mulher que o Romantismo e a época moderna irão divulgar, tornando-se assim uma peça fundamental para uma teoria nacionalista da literatura portuguesa com influência profunda na literatura europeia:

"Regressa hoje o *Amadis* na essência da sua elevação lírica à pátria donde andava desterrado. [...] Não se trata dum sucesso literário ou dum facto de mera erudição. Trata-se, provavelmente, dum acontecimento nacional. Importa, portanto, como comentário condigno, restituir o *Amadis* a todo o seu enorme significado. Duas vezes a Europa é filha de Portugal, — insistimos. Desviámos o eixo da civilização do Mediterrâneo para o Atlântico, — e assim lhe oferecemos o scetro da Idade Moderna. Transmitimos-lhe no conceito moral e afectivo do *Amadis* uma idéia ou noção do Amor, que é ainda hoje, desde os desvios afectivos do Romantismo às virtudes fundamentais do Character, a directriz universalmente aceite da sociabilidade ocidental. Resume-se assim na história do *Amadis* a história da sensibilidade europeia. E, no entanto, o *Amadis*, [...] por pequeninos que nós outros sejamos, não é mais do que um capítulo da história da nossa sensibilidade, — da história da sensibilidade do povo lusitano!" (*idem*: 468).

Esta longa citação do porta-voz do nacionalismo literário ajusta-se perfeitamente às concepções do autor-narrador de RA, convicto da nacionalidade portuguesa da novela e da concepção portuguesa de amor que veicula:

"Escreveu-o um velho trovador português, e depois um castelhano, trocando-lhe a língua e o jeito, da sua terra o levou. Mas já as mais nobres mentes de Espanha por nosso o dão. § [...] § E o conto é de amor fino e fiel, de português amor, rendido como êle é só." [RA: 3-4].

Ao destacar a obra pelo seu conceito especificamente português do amor, Sardinha dava a Lopes Vieira mais um motivo para considerar com orgulho o efeito *naturalmente nacional* que conseguiu imprimir à sua restituição.

Pode julgar-se da importância que ALV atribuía à recepção crítica da sua obra, não apenas pelo cuidado com que recortava e guardava as notícias da imprensa nos II vols. do álbum *Rememoração*, mas ainda pela selecção de excertos críticos dados à estampa na antologia poética de 1927 [VALV: 321-2] e completados nas duas páginas finais de *O Poema do Cid*, de 1929, nas três páginas finais de *Santo António. Jornada do Centenário*, de 1932, e na 3ª. ed. de RA, em 1935, nas três páginas finais<sup>26</sup>.

A valorização crítica é um elemento que faz parte da vida da obra tal como Lopes Vieira entende, viva porque capaz de gerar reacções críticas, eterna se tiver força para lhes sobreviver. Naturalmente, as selecções são feitas pelo próprio autor, e daí que todos os excertos sejam positivamente valorativos e, em grande parte, de tipo encomiástico.

<sup>26</sup> Na 3ª. ed. de RA, além dos excertos — (Algumas opiniões da crítica estrangeira) — já presentes em VALV, acrescenta outros saídos depois de 1925, como os de: Francisco Romero, publ. em Agosto de 1925 na rev. *Nosotros*, em Buenos Aires; Francisco Ribeiro, de 7 de Julho de 1928, no *Estado de S. Paulo*; Ronald de Carvalho, de 29 de Julho de 1928, em *O Jornal*, do Rio de Janeiro; Ramon Menéndez Pidal, de 1929, no *Prólogo ao 'Poema do Cid'*; Aubrey Bell, em 1931, na obra da Imprensa da Universidade de Coimbra, *A Literatura Portuguesa*; Maurice Martin du Gard, em 1934, na obra *Lettres Portugaises*. No fasc. VIII da rev. *Lusitania*, de Dezembro de 1925, faz-se a transcrição integral do artigo publicado por Jose María de Cossío na *Revista de Occidente* (nº. XXVI), de Madrid, intitulado "El *Amadis* y la *Diana* en português de Affonso Lopes Vieira" [L, Dez. de 1925: pp. 289-91]. Esta recolha através do tempo é mais um indício do rigor com que ALV tratava a sua obra.

Com efeito, a recensão que Aníbal Soares publica em 24 de Fevereiro de 1923 no *Correio da manhã*, tece elogios à construção do RA, no qual se eliminou tudo o que fossem "sobreposições do tradutor e continuador castelhano", e à reintegração assim conseguida, que sobrepõe ao lado épico o "molde português de amorosidade doce, sentimental" (Soares, 1923: R, II: f. 10r.), acentuando a "maravilhosa intuição de artista" necessária para montar tal edifício.

Rebello de Bettencourt, na *Revista Portuguesa*, acentua o trabalho de nacionalização conseguido por Lopes Vieira, "pelo lirismo tão bem revelado na combinação preciosa entre a alma suave e a valentia heróica", o que transforma RA, segundo ele, no "mais belo poema de amor do nosso povo" (Bettencourt, [1923]: R, II: f. 11r.).

Em artigo de 28 de Março, publicado no *Diário de Lisboa*, Vitorino Nemésio considera a reconstituição de RA em relação com o mesmo propósito que animou Eça de Queirós nas suas *Lendas de Santos*, e faz dela uma resposta positiva e moderna à velha questão de saber se continua a haver interesse em descobrir o "sentido da velha arte portuguesa". Nemésio conclui que se a resposta for dada "com sobriedade que compatibilise o gosto novo com o arcaico e vencido", tal como Lopes Vieira faz no RA, então vale a pena, e por isso eleva-o à categoria de "um dos raríssimos castiços e um dos raríssimos mestres" (Nemésio, 1923: R, II: 11r.).

Jaime de Magalhães Lima, em artigo de 10 de Abril, publicado no *Diário de Lisboa*, ergue um monumento ao rejuvenescido escritor, pela harmonia do seu "talento e génio poético", que conseguiu no RA uma restauração da "unidade étnica de moral, estética e religião conjugadas que constitui a mais nobre aspiração literária do nosso tempo." (Lima, 1923: R, II: f. 11v.)

Júlio Brandão, em recensão para *O Primeiro de Janeiro*, põe em destaque as qualidades de escritor como refazedor de cânones literários (autorizado pelas palavras prefaciais de D. Carolina), acentuando:

"[...] o seu aceso amor às cousas portuguesas, o seu tacto excepcional para as seleccionar e identificar, o seu raro bom-gosto, e esse fino e profundo temperamento de amoroso, que o nosso lirismo ancestral como que envolve em neblinas de mistério e saudade." (Brandão, [1923]: R, II: f. 12r.)

Com a restituição de RA, Lopes Vieira atinge o "estado de graça em que um poeta do século XX pode narrar com a mesma candura cavalheiresca do antepassado, igual transporte místico, idêntico anseio puro de amor e honra", numa clarividente percepção de Malheiro Dias publicada no *Primeiro de Janeiro*, em 5 de Abril (Dias, 1923: R, II: f. 12r.).

Efectivamente, é de um estado de graça que se trata, e até António Sérgio, tão predisposto a exercer o seu arguto espírito de polemista, acaba por tecer elogios à 'campanha de reintegração', no artigo publicado em Abril-Maio na *Seara Nova*. Designa o trabalho do RA como "transfiguração", em que as qualidades do escritor se desenvolvem na utilização de uma "medida exacta, de equilíbrio harmónico do gosto — no tamanho do conto, no espírito dele, e especialmente na elocução." (Sérgio, 1923: 174). António Sérgio não deixa de reconhecer a importância da "adequação do ideal escolhido com o temperamento do escritor" (*ibidem*), naquilo que é um reconhecimento quase unânime da motivação mimética e psicológica com que pode explicar-se grande parte desta obra de restituição de Lopes Vieira.

A insistência do narrador de RA em implicar enunciativamente a sua emocionalidade comprova a apetência por uma escrita feita de mimetismos, como estes exemplos intercalados em três momentos chaves da leitura do texto (o início, a intensificação da trama amorosa, o desfecho) mostram bem:

"E vós que amais com amor heróico e fiel, que amais o amor, ouviu a história como *eu a senti*[it. nosso]." [RA: 4];

"É que tôda esta história que se vos conta, só por amor dela [Oriana] se pôde contar." [RA: 51-2];

"E foi esta [heróica e amorosa canção] que o cavaleiro-poeta *por minha voz* [it. nosso] cantou." [RA: 216].

Num artigo do periódico de Buenos Aires, *Nosotros*, de Agosto de 1925, a propósito do volume da "Antologia Portuguesa" dedicado por Agostinho de Campos a Afonso Lopes Vieira, faz-se uma síntese das suas 'qualidades literárias', entre as quais se destaca a compreensão por identificação, uma poética feita de conformidade ao cânone e de osmose com as figuras literárias valorizadas nesse cânone:

"[...] Tiene este escritor el don raro de crear valores estéticos: virtud donde entran la comprensión, la identificación con la obra ajena o remota, la distinción espiritual, el entusiasmo y la fe en cuestiones en las cuales muchos entre los mejores sólo ponen un diletantismo inteligente y mesurado. [...]" (AN, 1925: R, II: f. 37r.)

A crítica estrangeira pronuncia-se no mesmo sentido que a portuguesa: Marcel Bataillon, em artigo do *Bulletin Hispanique* (tome XXVII, nº. 4, de 1925, pp. 357-8) sobre a *Diana* de Jorge de Montemor, na versão de Lopes Vieira, destaca a "esthétique de sobriété" sob a qual as restituições do autor se efectivam (Bataillon, 1925: R, II: f. 40r.); José Maria de Cossío, em artigo sobre o *Amadis* e a *Diana*, publicado na madrilena *Revista de Occidente*, nº. XXVI, e transcrito na revista *Lusitania*, refere-se ao facto de RA ir de encontro a "una sensibilidad irreprochablemente portuguesa" (Cossío, 1925: R, II: f. 39v.); Ramiro de Maeztu realça "lenguage tan sencillo y tan lírico" [VALV: 322]; Mário Barreto coloca o escritor no seu lugar canónico, ao dizer que RA "ombreia em linguagem elegante e castiça com os mestres do nosso idioma" [*ibidem*]; e o *Times Literary Supplement*, de 25 de Março de 1926, dá relevo à pragmática questão das condições de legibilidade da obra: "The task of reducing the huge bulk of the Spanish 1508 *Amadis* to a little book which may be read in a couple of hours [...]" [*idem*: 321].

Com efeito, a funcionalidade pragmática de RA — a substituição canónica possível de um texto que atravessou seis séculos — era devidamente acentuada em comentários metadieéticos pelo narrador de RA:

"Se eu vos contasse, agora ou mais tarde, todos os feitos do herói, a história alongar-se-hia e encurtava-se a vontade de a ouvir. § E quando me decidi a contá-la, logo pensei em a não fazer comprida, a fim de que a escutasseis de boa-mente." [RA: 63-4];

"Se vos disserem que êle [o romance] continua, não o queirais crer, pois o velho trovador não contou mais. § Da história que se enreda em outras muitas histórias, tirei e vivi o que ela tem tão nosso — uma heróica e amorosa canção." [RA: 215-6].

Em 26 de Janeiro de 1924, no *ABC* madrileno, surge uma crítica negativa de Gómez Carrillo, num artigo sobre a tradução do RA de Lebesgue, intitulado "A proposito de una nueva traducción del 'Amadis'". A argumentação de Carrillo alicerça-se na incorrecção cometida por Lebesgue,

ao escolher o texto português para fazer a sua tradução, e não o castelhano, e na existência de erros históricos. Pretende evidenciar a superioridade do texto de Montalvo, e procede por contraposição relativamente ao texto de Lopes Vieira: "[...] no hay ningún género de dudas en lo que se refiere a la superioridad de la novela de Garci Ordóñez de Montalvo, si se la compara con el relato seco, breve, descarnado de Alfonso Lopes Vieira." (Carrillo, 1924: R, II: f. 24r.)

Lopes Vieira responde em Março de 1924, no fasc. II da *Lusitania*, na rubrica "Marginalia", "Âcerca do *Amadis*", contra-argumentando com a opinião de alguns especialistas que se pronunciaram a favor da nacionalidade portuguesa da novela, como Pelayo, Gaston Paris, Carolina Michaelis, ao mesmo tempo que aproveita para valorizar o reconhecimento espanhol de:

"[...] todo o valor da acção de Portugal, do campo dos Descobrimentos iniciadores ao das Letras e das Artes caracterizadas pelo *ethos* português — a acção de Portugal na obra civilizadora da Península, cujas duas nações já não acham razões de se disputarem glórias, tanta glória lhes cabe na obra da civilização universal." [*apud* L, fasc. II: 304]

Quanto à parte da crítica exercida directamente sobre os seus processos de escrita 'restituidora', o escritor não faz mais do que reforçar orgulhosamente os princípios seguidos:

"[...] deixamos sem o disputar ao Sr. Gomez Carrillo, quanto no texto castelhano lhe apeteceu de copioso, ancho e reflorado. Tem o Sr. Gomez Carrillo tudo para se contentar, pois nada tomámos disso. A edição especial do *Amadis* de 1847 (ultima aí publicada e sobre a qual trabalhámos) contém, até ao terceiro livro, 822 cheias páginas. As minguidas duzentas do *Amadis* português não contam vinte linhas *traduzidas* daquelas. Que mais quere o Sr. Gomez Carrillo? Guarde, pois, o texto de Montalvo, — esquecido em Espanha há 77 annos — e deixe-nos o *espírito* do que êle ampliou e enfeitou [...]" [*ibidem*].

Em Julho de 1924, um artigo da *America Brasileira*, "A proposito de *Amadis*", faz referência a esta breve polémica, posicionando-se ao lado dos argumentos de Lopes Vieira, e revelando alguns episódios de mistificação literária da responsabilidade de Gómez Carrillo pouco abonatórios da sua autoridade crítica. O que interessa destacar não é tanto a polémica, que revela o interesse alargado que RA suscitou nos meios literários, mas sobretudo o carácter afirmativo e seguro com que o autor defende a sua apropriação simplificadora, e pragmaticamente restituidora, de um texto legível para a contemporaneidade dos leitores.

Com efeito, é nesse sentido que se estrutura a importante crítica que Homem Cristo Filho publica no periódico francês *Comoedia*, "Un chef-d'oeuvre médiéval", em 27 de Julho de 1925, a propósito da 2ª. ed. de RA e da tradução de Lebesgue, e que será depois integralmente reproduzido no *Diário de Lisboa*. Com alguma influência no meio literário francês, e uma autoridade crítica não desprezível, Homem Cristo realça a actualidade da versão de Lopes Vieira, que fez "[...] o milagre de tornar apaixonante, para as nossas almas modernas, a mais ingenua historia de amor do seculo XIII." (Filho, [1925]: R, II: f. 36v.), valorizando o processo linguístico seguido pelo escritor, cuja eficácia lhe garantiu com propriedade o título de autor tão consagrado como Bédier. Vejam-se as suas palavras:

"[...] Calcula-se a enorme dificuldade de pôr uma obra desta importância de cujo texto original não resta um vestígio, numa linguagem compatível com o caracter da historia e com a sua idade sem cair em erros de construção e de vocabulário dum arcaísmo pedante e ilegível. Lopes Vieira teve o grande mérito de triunfar completamente nesta audaciosa empreza. O seu nome ficará ligado á nova redacção do "Romance de Amadis" que lhe pertence integralmente, como o de Joseph Bédier está ligado para sempre á restauração do "Tristão e Isolda"." (Filho, [1925]: R, II: f. 36v.)

A tradução de Lebesgue serve de pretexto para um desabafo sobre a indiferença do meio parisiense pelas obras primas da literatura portuguesa, mas é também tomada como incentivo para uma penetração mais eficiente da literatura portuguesa em França. Leiam-se as palavras de Homem Cristo Filho:

"[...] O distinto lusófilo, a quem as letras, tão desdenhadas em França, do extremo ocidente da Europa devem inolvidáveis serviços [Philéas Lebesgue], teve neste caso mais sorte que nas suas precedentes traduções de duas das melhores obras de Eça de Queiroz, o emulo português de Flaubert, cujos manuscritos estão nas suas gavetas de Beauvais, por falta de editor... Eis aqui um sinal característico e desolador da indiferença de Paris pelas obras primas das literaturas portuguesa e espanhola que são das mais originais e mais ricas, e que se conservam quasi inteiramente desconhecidas aqui. § Seria oportuno, por isso, no momento em que se publica a tradução francesa do "Romance de Amadis de Gaula", tornar conhecidas, em França, certas obras deste mestre, deste artista perfeito, universalmente admirado para lá dos Pireneus e que incarna em toda a sua beleza, no seu passado e nas suas aspirações ideias para o futuro, o genio duma grande raça." (Filho, [1925]: R, II: f. 36v.)

Se para mais não servisse, este episódio mostraria como a (im)permeabilidade dos meios literários estrangeiros — prioritariamente a França — aos clássicos portugueses não deve ser descurado numa análise da valorização de RA. O mesmo se poderá afirmar em relação à vizinha Espanha, cuja literatura se via, com a aceitação deste RA, despojada de um dos seus mais antigos clássicos.

### 3.2.1. Um exemplo de *pastiche*.

Sintomática de um interesse em Espanha pelo RA, além das manifestações dos estudiosos e críticos em grande parte já referidos, é a publicação de um volume intitulado *Amadis de Gaula. Arreglado por Carmen de Burgos*, da ed. Sempere-Valencia, não datado, mas provavelmente com um ano e meio de diferença em relação à publicação da 1.<sup>a</sup> ed.. Há um grande número de probabilidades de se tratar de uma cópia de RA, ou, pelo menos, demonstra uma certa falta de ética editorial não revelando a data da publicação. No vol. I, fasc. III, da *Lusitania*, de Junho de 1924, pode ler-se um artigo não assinado, "Amadis em Espanha", que se refere a esta questão nos seguintes termos:

"[...] É estranho que o livro não traga data alguma de publicação ou impressão, e a autora se refira à *quási simultaneidade* das obras portuguesa e espanhola — distanciadas por ano e meio no aparecimento. [...] Que em Espanha se aprendesse a amar o *Amadis* depois que a reconstituição portuguesa apareceu, muito nos contenta. Mas é necessário, por honra das Letras e da Cavalaria, que os *arregladores* não exorbitem, ofendendo-nos em prémio." [*apud* L, fasc. III, Junho de 1924: 484-5].

Este curioso episódio, referido a título exemplificativo, serve para acentuar o interesse despertado por RA em Espanha, ao desencadear um movimento editorial no sentido de restituir ao público espanhol versões pedagogicamente acessíveis do *Amadis*, movimento que Lopes Vieira acompanha através de informações de Menéndez Pidal, e para o qual ficará de sobreaviso no futuro. Em carta de 17 de Março de 1923, para CMV, o escritor revela a informação de Menéndez Pidal, e mostra o seu alívio pelo facto de a didáctica versão espanhola de RA ser anterior à referida:

"De Menéndez Pidal: § 'Gran placer he tenido en recibir y ler su afortunada redaccion del *Amadis*, donde todo és inspirado: la concepcion q. preside a la seleccion de episodios, la ingeniosa brevidad, la suavidad del lenguaje... — Hace un ano tengo encargada a nuestro ilustre escritor R. M. Tenreiro una redaccion del *Amadis* para las escuelas. Ya la tiene acabada, pero por dificultades externas a la obra aun no se ha impreso. Le doy a conocer la obra de Vd. en la q. hallará gusto y provecho.' §

Graças a Deus chegamos a tempo, — pensei eu em vista de isto, embora aquela redução pretenda ser pedagógica. [...]" [BGUC, esp. CMV].

Com o distanciamento que o tempo permite, podem ler-se hoje estas reacções receptivas, que levam à produção de textos similares, como um sinal evidente de se ter alcançado um dos objectivos prioritários da tarefa canónica de restituição — o movimento que leva a uma incessante reprodução e divulgação dos textos canónicos.

### 3.3. A correspondência particular.

O peso destas recepções ficaria apenas acrescido se lêssemos algumas das cartas que Luciano Freire, Jaime Magalhães Lima, Mendes dos Remédios, José Maria Rodrigues, Mário Beirão, Augusto de Santa Rita, Aubrey Bell, Vitorino Nemésio, Nuno de Montemor, Luís de Almeida Braga enviam a Lopes Vieira sobre o RA, para citar apenas as mais interessantes pelos reparos literários que contêm.

Para se poder ter uma ideia aproximada da importância desta correspondência, transcrevem-se alguns excertos do vol. VI das *Cartas [...]*, do ano de 1923.

"[...] Reduzi-lo ao que deve ter sido o primitivo *Amadis* português e dar-lhe ao mesmo tempo o perfume e ingenuidade que devem ter caracterizado este, vir a lume, enfim, no século XX como um romance de cavalaria como se fosse escrito no tempo em que eles se sentiam e viviam — não era obra fácil. V. Ex<sup>a</sup>. pode orgulhar-se de a ter realizado. [...]" (José Maria Rodrigues: 16 de Fevereiro);

"[...] O que muito poucos descobrirão é a fadiga que essa obra de arte, de amor, de fé, custou a realizar. Melhor a avaliará quem não desconhecer de todo aquele interminável texto de Montalvo! Que leveza em todo o seu trabalho! [...] § Felicito-o por mais esta ascensão na sua gloriosa estrada [...]" (Mendes dos Remédios: 24 de Fevereiro);

"[...] devo confessar que aguardava o livro com interesse mas não sem medo, visto o tamanho do *Amadis* espanhol. Esquecia que V. Ex<sup>a</sup>. é poeta e artista. Assim *Amadis* renasce e viverá até que no ano 3000 começam a duvidar da existência de V. Ex<sup>a</sup>. e do texto português e tomem por original a tradução espanhola. [...]" (Aubrey Bell: 24 de Fevereiro);

"[...] É o mais *português* dos livros modernos que eu conheço; pode lê-lo à lareira do cavador, na academia e na universidade, indiferentemente, que o seu enleio será por igual cativante e estreito em toda a condição da nossa gente. [...]" (Jaime de Magalhães Lima: 25 de Fevereiro);

"[...] Lembro-me que Edgar Poe, no *Eureka*, apresentando a sua teoria da formação do mundo, explicativa da lei de Newton, afirma: isto é verdade, *porque é belo*. A sua límpida e feliz redacção é de uma intensa beleza que outra língua não pode dar. Concluamos com Poe: temos agora o *Amadis* num máximo de Beleza, logo têmo-lo na verdadeira língua original. [...]" (Luciano Freire: 16 de Março);

"[...] Senti-me, ao lê-lo, à lareira da Raça, novamente menino. E assim o Afonso Lopes Vieira saciou, com ele, minha sede de lirismo, dando-me a beber, na concha encantada da sua emoção, água pura da fonte. [...]" (Augusto de Santa Rita: 18 de Março);

"[...] É um livro imortal. É o livro do seu Milagre. § Que belo em seu tocante primitivismo, em suas tintas de perpétuo amanhecer! [...]" (Mário Beirão: Maio).

No vol. VII há ainda várias cartas interessantes com referências a RA, de Vitorino Nemésio, Luís de Almeida Braga e Nuno de Montemor, embora duas façam referência à 2<sup>a</sup>. ed.:

"[...] Também o ano está no fim, e é tempo de Vossa Excelência verificar, com muito gosto, que foi fecundo para si em obras. Deu-lhe o alto prazer do *Amadis*, uma das mais belas peças da língua portuguesa ao trato das suas mãos primorosas. [...]" (Vitorino Nemésio: 29 de Dezembro de 1923);

"[...] Recebi ante-ontem a preciosa oferta da reedição do *Amadis* [...]. É claro que, se a primeira estampa do Romance vinha perfeita, esta no gosto e apuro é perfeitíssima. Não sei o que mais admirar em si, meu Amigo; se a sua compenetração no génio vivaz da linguagem, se o gôsto impecável com que a urde, o que é talvez uma aptidão diferente. [...]" (Vitorino Nemésio: 3 de Fevereiro de 1926);

"[...] Nem gramáticos, nem fidalgos, nem clássicos ensinam a fazer aquelas páginas assombrosas. § É uma linguagem de milagre que as figuras do "Amadis", ao verem-se ressuscitadas, oferecem a Lopes Vieira, como lembrança preciosíssima do país maravilhoso, onde o Poeta-Cavaleiro do Portugal de hoje os foi buscar. Só assim o Amadis de outras eras podia mostrar-se e fazer-se entender, hoje, como o nosso irmão mais representativo, como um símbolo eterno das melhores virtudes da raça. [...]" (Luís de Almeida Braga: 10 de Fevereiro de 1926);

"[...] Lá outra vez me embalei com a doce leitura do Romace de Amadis, — ritual da nossa ternura. E sabe? — reconstituído como está, chega a parecer-me que se não foi logo assim escrito, foi logo assim pensado. Quanto lhe devemos! Colonizador de inteligências, não sei de quem, por entre tanta desordem mental, melhor tivesse encontrado, ordenado e partilhado a herança jacente de Garrett, nem de quem, com mais fino espírito, soubesse restituir seu prestígio de beleza aos antigos valores esquecidos. [...]" (Nuno de Montemor: 12 de Fevereiro de 1926).

Curioso é também o soneto — *O Novo Amadis* — que Alberto de Oliveira, em Abril de 1923, a bordo do Arlanza, escreve a Lopes Vieira, celebrando a escrita do RA, espelho de toda uma 'geração de Amadises'<sup>27</sup>. Deve, no entanto, destacar-se a informação transmitida por Marques Braga ao escritor, que dá conta de um aproveitamento académico de RA. A carta é de 6 de Fevereiro de 1926, e nela revela:

"[...] No Liceu de Pedro Nunes lê-se o *Romance de Amadis*, que tão profundamente actuou na literatura novelesca da Europa até ao século XVII. § Procuo mostrar aos alunos como esta criação, tão intensa e tão simples, é preciosa para patentear que Portugal se identificou com o sentimento das novelas amorosas e de aventuras do ciclo arturiano da Távola Redonda. § Como penso que são jóias lusitanas, como o *Amadis* e a *Diana*, que deviam ser distribuídas nos Liceus, tenho espalhado estas altas afirmações de sensibilidade pátria. [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. VII].

Esta intervenção pedagógica garante ao texto uma entrada eficaz no cânone escolar da literatura portuguesa, lugar que ainda hoje ocupa, já que RA continua a ser uma das obras sugeridas para leitura nos programas de Português e Literatura Portuguesa do ensino secundário.

### III. Depois de *Amadis*.

Todo o manancial valorativo de recepções justifica o orgulho de Afonso Lopes Vieira com RA, e explica o grande labor com que vai continuar a sua obra de reconstituição do cânone de portugalidade. Já não se trata sequer de refazer um cânone literário, mas trata-se de dar e dotar os portugueses com um cânone da portugalidade, que lhes permita compreenderem a grandiosidade do passado de um país capaz de produzir escritos primordiais, isto é, que inauguraram géneros literários na Europa e semearam novos ideais pelo mundo.

Em Março de 1923, em carta para D. Carolina, revela a sua vontade de experimentar fazer uma "redução em linguagem" da *Diana*, mas em Abril diz-se desistente por considerar o projecto quimérico. Os postais em que o escritor dá essas informações a CMV estão datados de Sábado de Aleluia de 1923 e de 9 de Abril, respectivamente:

<sup>27</sup> O teor do soneto é o seguinte: Vasco ou Joham de Lobeira, / Incerto Autor do Amadis: / Na campa dorme feliz, / Tua Lyra achou herdeira. // Tua existência era um xiz, / E tua obra verdadeira / Duvidada em teu país, / Negada em terra estrangeira. // Mas reencarnaste afinal, / Noutro Poeta, e em Portugal, / Por milagrosa maneira...! // Renasceste — e és nosso! és nosso! / És em alma, em carne, em osso, / AFONSO LOPES VIEIRA" (*apud* Coelho, 1999: 277).

"[...] Estou tentado a fazer uma redução, em linguagem, da *Diana*. — Q. parece a V. E. este projecto? Será descair do interêsse do *Amadis*? [...]";  
 "[...] Desisti do projecto da *Diana*, pelo menos considero-o quimerico. O *Amadis* é unico. [...]" [BGUC, esp. CMV].

A verdade é que, no Natal de 1924, *A Diana de Jorge de Montemor em português de Affonso Lopes Vieira* [DJM] está publicada. Antes disso, em Agosto de 1923, já se encontrava a trabalhar numa redução em prosa do *Mio Cid*<sup>28</sup>, que será publicada em capítulos na revista *Lusitania* entre Janeiro de 1924 e Outubro de 1927, e sairá em volume em 1929, com o título *O poema do Cid. Versão em prosa da gesta castelhana do século XII "cantar de mio Cid", por Afonso Lopes Vieira* [PC]; e em Janeiro de 1923, sentindo a falta do trabalho no *Amadis*, tinha planeado dedicar-se a uma "Vida de Santo Antonio"<sup>29</sup>, projecto que só dará os seus frutos em 1932 com *Santo António. Jornada do Centenário por Afonso Lopes Vieira* [SAJC].

Foi um impulso mimético de identificação ou um processo de osmose literária — a possibilidade de ler a figura literária de Afonso Lopes Vieira através das personagens eleitas no delinear de um novo cânone da portugalidade — que fez desta restituição do RA um sucesso capaz de vencer a resistência dos seis séculos de história e ultrapassar o fulgor que as décadas de 1920 a 1940 (com as quatro sucessivas e bem sucedidas edições) contribuíram para manter vivo e actual.

Só um estudo da recepção desta nova edição do RA poderá mostrar-nos, no futuro, o grau de receptividade do público do século XXI a este rejuvenescido cavaleiro *Amadis* de Lopes Vieira, e assim contribuir para perceber como as posturas complexamente combinadas de escritores, leitores, críticos, assim como todo o aparelho constituído pela instituição literária, determinam os nossos modos de escrever, ler, valorizar e apreciar a literatura.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALV [Afonso Lopes Vieira]:[NDG], 1942, NOVA DEMANDA DO GRAAL**, Liv. Bertrand, Lx.  
 [RA], 1922, *O Romance de Amadis, composto sobre o Amadis de Gaula de Lobeira*, Soc. ed. Portugal-Brasil, Ld<sup>a</sup>., Lx., Natal (1<sup>a</sup>. ed.) — 1924, *Le Roman d'Amadis de Gaule. Reconstitution du roman portugais du XIII e. siècle par Affonso Lopes-Vieira*. Traduite en français par Philéas Lebesgue avec des bois de René Blot d'après d'anciennes gravures. Chez Claude Aveline ed., Paris (trad. fr.) — 1925, *Amadis. Roman*, S. Pisateljevím Dovoljevím iz Portugalscine Prevedel Dr. A. Debeljak, Ljubljana (trad. esl.) — 1926, *O Romance de Amadis. Reconstituição do Amadis de Gaula dos Lobeiras (Séc. XIII-XIV)*, ed. Portugal-Brasil, Lx., Nova ed., Vésperas do ano bom (2<sup>a</sup>. ed.) — 1929, *Amadis de Gaula. O Romance de Amadis (resumo da reconstituição portuguesa) apud SAMPAIO, Albino Forjaz de, História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, Liv. Aillaud & Bertrand, Paris, Lx., Julho, pp. 186-90. — 1935, *O Romance de Amadis. Reconstituído por Afonso Lopes Vieira*, Livr. Bertrand, Lx., 3<sup>a</sup>. ed. corrigida (3<sup>a</sup>. ed.) — [1942], *O Romance de Amadis reconstituído por Afonso Lopes Vieira*, Imp. Portugal-Brasil, Liv. Bertrand, Lx., 4<sup>a</sup>. ed. Texto definitivo, sd. (4<sup>a</sup>. ed.) — 1983, *Romance de Amadis*, intr. F. Cabral Martins, ed. Ulmeiro, Lx., Abril, 1.<sup>a</sup> ed. (?) (reimp. da 4.<sup>a</sup> ed.?) — 1984, *Romance de Amadis*, ed. Ulmeiro, Lx., Novembro, 3.<sup>a</sup> ed. (?) (reimp. da 4.<sup>a</sup> ed.?) — [1990] *O Romance de Amadis*, adaptação, col. Excalibur-2, ed. Ledo, sd. (reimp.) — 1993, *Romance de Amadis*, intr. de F. Cabral Martins, col. Clássicos da Língua Portuguesa, ed. Ulmeiro, Novembro, 4.<sup>a</sup> ed.(?) (reimp. da 4.<sup>a</sup> ed.?).

<sup>28</sup> Em postal de 24 de Agosto de 1923, para CMV, escreve: "[...] Para fugir às tristezas envolventes desta tragédia da paz (Ferrero) e às q. nunca faltam aos sensitivos da minha espécie, — comecei a trabalhar na redução em prosa do Mio Cid. Eis-me embarcado pois noutra grande aventura, e ao participá-la a V. E. primeiro q. a ninguem, cumpro uma especie de superstição junto da minha eminente e afectuosa Madrinha! [...]" [BGUC, esp. CMV].

<sup>29</sup> Em postal de 31 de Janeiro de 1923, conta a CMV: "[...] Para me isolar misticamente no trabalho, agora q. me falta o *Amadis*, vou começar a trabalhar (a preparar-me) numa Vida de Santo António — o *Amadis* ao divino. [...]" [BGUC, esp. CMV].

- [VALV], 1927, *OS VERSOS DE AFONSO LOPES VIEIRA* [1898-1924], Sociedade ed. Portugal-Brasil, Lx., Janeiro.
- ANÓNIMO, (1925) "Letras Portuguesas. Antologia Portuguesa organizada por Agostinho de Campos — *Afonso Lopes Vieira (Verso e Prosa)*, Livrs. Aillaud e Bertrand, Paris-Lx., 1925" in *Nosotros*, Agosto de 1925, Buenos-Aires. [R, II: f. 37r.]
- ANÓNIMO, (1926) "*Lusitania*. Lisbon: Livr. Aillaud." in *Times Literary Supplement*, Junho de 1926. [R, II: f. 41v.]
- BATAILLON, Marcel, (1925) "*A Diana* de Jorge de Montemor em português de Affonso Lopes Vieira" in *Bulletin Hispanique*, tome XXVII, nº. 4, 1925, pp. 357-8. [R, II: f. 40r.]
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra**, *Correspondência manuscrita para D. Carolina Michaelis de Vasconcelos* [BGUC, esp. CMV].
- Biblioteca Municipal de Leiria**, *Cartas e outros escriptos dirigidos a Affonso Lopes Vieira* [BML, *Cartas...*], XIV volumes do espólio de ALV.
- Biblioteca Municipal de Leiria**, *Correspondência manuscrita para D. Leonor Rosa*, espólio de ALV. [BML]
- Biblioteca Municipal de Leiria**, *Rememrança*, vol. I e II [BML, R, I e R, II], álbum de recortes de imprensa do espólio de ALV.
- Biblioteca Nacional de Lisboa**, espólio de Vitorino Nemésio [BNLx., E11-cx. 37].
- BETTENCOURT, Rebello de, [1923] "Dos Novos Livros. *O Romance de Amadis* por Afonso Lopes Vieira" in *Revista Portuguesa*, nº. 2, sd. [1923]. [R, II: f. 11r.]
- BOIE, Bernhild, (1993) "L'écrivain et ses manuscrits" *apud* HAY, Louis (dir.) *Les Manuscrits des Écrivains*, CNRS, eds. Hachette, Paris, pp. 34- 53.
- BRANDÃO, Júlio, [1923] "Poetas e Prosadores. À margem dos livros. *O Romance de Amadis* " in *O Primeiro de Janeiro*, nº. 76, ano 55º., sd., [1923]. [R, II: f. 12r.]
- CAMPOS, Agostinho de (1925) (org. e pref.) *Afonso Lopes Vieira (Verso e Prosa)*, "Antologia Portuguesa", Lvr. Aillaud & Bertrand, Lx.
- CARRILLO, E. Gómez, (1924) "A proposito de una nueva traduccion del *Amadis*" in *ABC*, 26 de Janeiro de 1924. [R, II: f. 24r.]
- COELHO, J. Furtado, (1999) "Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira. Alguns aspectos da relação de ALV com a 'Geração de 90'" in *Actas do III Colóquio sobre a história de Leiria e da sua região*, II vol., Câmara Municipal de Leiria, Leiria, pp. 273-8.
- COSSÍO, D. Jose Maria de, (1925) Recensão a "El *Amadis* y la *Diana* em português de Affonso Lopes Vieira" in *Lusitânia. Revista de Estudos Portugueses*, Vol. III, Fas. VIII, Dezembro de 1925, pp. 289-91. [R, II: f. 39v.]
- DIAS, Carlos Malheiro, (1923) "*O Romance de Amadis*" in *O Primeiro de Janeiro*, 5 de Abril de 1923. [R, II: f. 12r.]
- FILHO, Homem Cristo, [1925] "Da *Comoedia* — um artigo de Homem Cristo Filho sobre o *Romance de Amadis* de Afonso Lopes Vieira" in *Diário de Lisboa*, sd., [1925]; art. orig.: "Un chef-d'oeuvre médiéval. *Le Romam d'Amadis de Gaule* " in *Comoedia*, 27 Juillet 1925. [R, II: f. 36v.]
- LIMA, Jaime de Magalhães, (1923) "A proposito duma obra. A grande arte em literatura e o livro *Amadis de Gaula* de Afonso Lopes Vieira" in *Diário de Lisboa*, 10 de Abril de 1923. [R, II: f. 11v.]
- Lusitânia. Revista de Estudos Portugueses* [L], dir. de Carolina Michaelis de Vasconcelos, 10 nºs., de Janeiro de 1924 a Outubro de 1927.
- MENÉNDEZ Y PELAYO, D. Ramon, (1905) *Origenes de la Novela. I. Introducción, tratado histórico sobre la primitiva novela española*, Bailly, Baillière e Hijos eds., Madrid.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1978) *Ação Cultural de Afonso Lopes Vieira*, "Texto da conferência proferida em Leiria, em 26 de Janeiro de 1978 — dia em que se completava um século sobre o nascimento de Afonso Lopes Vieira —, com a qual a Secretaria de Estado da Cultura de então se propunha inaugurar uma série de comemorações do Centenário do grande Escritor", ed. do Templo, Lx.
- Nação Portuguesa. Revista de filosofia política* [NP], dir. de Alberto Monsaraz, nºs. 1 a 11, de Abril de 1914 a Abril de 1916.
- Nação Portuguesa. Revista de cultura nacionalista*, eds. António Sardinha, Domingos C. Araújo, A. Fernandes Júnior, 2ª. série, 12 nºs., de Julho de 1922 a Julho de 1923.
- Nação Portuguesa*, dir. António Sardinha e Manuel Múrias, 4ª. série, 2 tomos, 1926-27; 5ª. série, 12 nºs., de Julho de 1928 a Junho de 1929; 6ª. série, 12 nºs., 1929-31; vols. 7 a 11, entre 1932 e 1938.
- NEMÉSIO, Vitorino, (1923) "Crónica Literaria. *O Romace de Amadis*. Reconstituição portuguesa de um texto. Eça de Queiroz e Afonso Lopes Vieira" in *Diário de Lisboa*, 28 de Março de 1923. [R, II: f. 11r.]
- OGANDO, Alice, (1935) "Novas de Afonso Lopes Vieira, o poeta mais português de Portugal" in *Portugal feminino*, nº. 69, ano VI, Outubro de 1935, pp. 10-1 e excertos republicados in *Fradique*, semanário literário, ano II, nº. 90, Lx., 24 de Outubro de 1935.
- OSÓRIO, João de Castro, (1926) "Correio Literário. Sob o signo de *Amadiz*" in *A tarde*, 2 de Março de 1926. [R, II: f. 40v.]
- RIBEIRO, Aquilino [1949] "Afonso Lopes Vieira e a Evolução do seu Pensamento" in *Camões, Camilo, Eça e alguns mais. Ensaios de crítica histórico-literária*, Livr. Bertrand, Lx., 3ª ed., sd., [1949], pp. 271-335.
- SÉRGIO, António, (1923) "Livros e Revistas. *O Romance de Amadis; Da reintegração dos primitivos portugueses* por Afonso Lopes Vieira" in *Seara Nova*, nº. 22, Abril-Maio 1923, pp. 173-4.
- SOARES, Annibal, (1923) "Uma grande obra. *O Romance de Amasia* composto por A. Lopes Vieira" in *Correio da Manhã*, 24 de Fevereiro de 1923. [R, II: f. 10r.]